

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL - MESTRADO**

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DADOS DE URUGUAIANA/RS

EDISON GOULART REBÉS

Porto Alegre, dezembro de 2000.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
EDISON GOULART REBÉS**

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DADOS DE URUGUAIANA/RS

Porto Alegre, dezembro de 2000.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
EDISON GOULART REBÉS

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DADOS DE URUGUAIANA/RS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação, da Faculdade de Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Prof^a Dr^a Marta Luz Sisson de Castro
Orientadora

Porto Alegre, dezembro de 2000.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R291V Rebés, Edison Goulart

Violência na escola: dados de Uruguaiana/RS./ Edison Goulart Rebés. – Porto Alegre, 2000. 120 p.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Educação, PUCRS.

1. Violência nas Escolas – Uruguaiana (RS). 2 Educação e Sociedade. 3. Drogas no Ensino Fundamental. 4. Violência ao Patrimônio. I. Título.

CDD 370.19

Bibliotecária Responsável
Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

COMISSÃO EXAMINADORA

Dra. Marta Luz Sisson de Castro

Dra. Maria Lúcia Tiellet Nunes

Dra. Nara Maria Guazzelli Bernardes

*“Se você julgar as pessoas
não vai ter tempo de amá-las.”*

Madre Teresa de Calcutá

Aos meus familiares, de modo especial: a
Beth, Márcio, Patrícia e Diego, com muito
amor.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Marta Luz Sisson de Castro, minha orientadora, pelos momentos de convivência, pela demonstração de competência profissional e pela irrepreensível postura de educadora, diante das minhas limitações.

À Dra. Nara Maria Guazzelli Bernardes e ao Dr. Amilton Vallandro Marçal, Coordenadores do Curso do Pós- Graduação em Educação, desta Universidade, pela atenção, bom relacionamento e incentivo oferecidos aos alunos e professores.

À direção e professores do Campus Universitário II - Uruguaiana, por terem acreditado e estimulado a realização deste Mestrado.

Aos colegas de Mestrado, que sempre encontraram uma forma para contribuir, incentivando e enriquecendo esta caminhada, promovendo um relacionamento sincero e agradável.

À Mestre Maria Tereza Lunardini Cardoso, com quem superei obstáculos que pareciam intransponíveis.

Ao Bel. João Renê Cobelli, apoiador e amigo, e a todos os colegas da Rádio Charrúa, compreensivos e solícitos.

Aos amigos da Comunicação Social, da Prefeitura Municipal de Uruguaiana, que tanto incentivo me ofereceram.

Aos interlocutores que, com seus depoimentos, contribuíram para a construção deste estudo.

A todos que contribuíram para esta realização e não estão citados. A eles, também, a minha gratidão.

Obrigado. Que Deus nos dê, sempre, o grande dom da sabedoria e o da humildade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	3
2.1 QUESTÕES DE PESQUISA	4
2.2 OBJETIVOS	4
3 REVISÃO DA LITERATURA	5
4 METODOLOGIA	20
4.1 MÉTODO	20
4.2 PARTICIPANTES	20
4.3 PROCEDIMENTOS	21
5 ANÁLISE DE RESULTADOS	23
5.1 VIOLÊNCIA AO PATRIMÔNIO	25
5.1.1 Roubo por agentes internos	25
5.1.2 Roubo por agentes externos	27
5.1.3 Atos de vandalismo por agentes internos	28
5.1.4 Atos de vandalismo por agentes externos	32
5.2 AGRESSÕES INTERPESSOAIS	38
5.2.1 Agressões entre alunos	38
5.2.2 Agressões a professores	44

5.2.3 Brigas entre grupos internos e externos	47
5.3 DROGAS E ARMAS	50
5.3.1 Uso de droga na escola	51
5.3.2 Comercialização de droga na escola	55
5.3.3 Vinculação aluno/tráfego externo	57
5.3.4 Porte de arma no interior da escola.....	58
5.3.5 Problema com gangues	60
5.4 CAUSAS CONCORRENTES PARA A VIOLÊNCIA.....	65
5.4.1 Desestruturação familiar (violência na família)	66
5.4.2 Situação socioeconômica (exclusão social)	68
5.4.3 Localização da escola	71
5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA	74
5.5.1 Segurança interna (muros, grades, seguranças)	75
5.5.2 Segurança externa (Brigada Militar)	78
5.5.3 Valorização do aluno pessoa	80
5.5.4 Envolvimento comunitário	84
5.5.5 Valorização do professor	91
6 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS	97
7 ANEXOS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

RESUMO

O presente trabalho realizou um levantamento sobre o problema da violência nas escolas, em Uruguaiana/RS e as formas utilizadas para controlá-la. A pesquisa foi realizada em cinco escolas, da rede pública (duas municipais e duas estaduais) e numa escola privada, todas com ensino fundamental e médio. Em cada escola foram entrevistados o diretor, um professor e um aluno. Também foram entrevistadas a Delegada de Educação e a Secretária de Educação do Município, totalizando dezessete respondentes. A entrevista seguiu o seguinte roteiro, com questões sobre: violência ao patrimônio, agressões interpessoais, o uso de drogas e armas na escola, as causas concorrentes para a violência e as formas de proteção contra a violência. Os resultados obtidos mostram que na dimensão violência ao patrimônio os atos de vandalismo, por agentes internos, tiveram onze indicações e os atos de vandalismo, por agentes externos, cinco. Em relação às agressões interpessoais, as frequências encontradas foram : dez nas agressões entre alunos e sete nas agressões aos professores. O uso de drogas na escola foi indicado por doze respondentes e problemas com gangues, por sete. Nas causas concorrentes para a violência apareceram, com maior destaque, a localização da escola, com dez indicações e o problema da desestruturação familiar com oito. Em relação às formas de proteção contra a violência, o envolvimento comunitário foi indicado por quinze respondentes e a segurança interna, gerando necessidade de construção de muros, grades e contratação de guardas, por onze entrevistados. Não houve diferença de respostas entre as escolas municipais e estaduais. Os resultados encontrados mostram que o problema existe no contexto social, confirmando os dados da literatura e revelando a presença da violência nas escolas de Uruguaiana. Assim, a violência encontrada é similar ao que ocorre nas escolas em nível estadual, nacional e internacional. Um dos resultados positivos, desta investigação, foi que a superação da violência, em Uruguaiana, está sendo construída com a participação da sociedade e a busca conjunta de solução. Quando a comunidade participa, tem voz e vez, ela ajuda a construir um caminho novo para a escola e motiva um novo tempo para a educação.

ABSTRACT

The present work has investigated which factors most contribute for the occurrence of violence in schools in Uruguaiana/RS and what should be done in order to control it. The research has been held in four public schools (two of the state and two of the county) and one private school, all of them with elementary and middle level. The interview was held with the principal, one teacher and one student of each school. The superintendent of municipal education involved were also interviewed, completing a total number of 17 persons interviewed. The interview presented questions about: violence to building, interpersonal aggression, drug addiction and the use of guns in school, causes which contributes to violence and forms of protection against violence. The results showed that on the violence against property the vandalism acts by intern agents obtained 11 answers, and vandalism by extern agents, 5 answers; on the interpersonal aggression, aggression among students obtained 10 responses and aggression to teachers 7 answers; on drugs and guns, the use of drugs in school presented 12 answers and problems with gangs, 7; on causes which contribute to violence, the place where the school is located received 10 answers and the conditions of families depreciation obtained 8 answers. Finally, on the forms of protection against violence, the community involvement appears on 15 answers and the internal sepey (walls, rails and guards) on 11. There was no difference between the answers given in the Public and in the Municipal schools. The results showed that the problem exists in the social context what confirms the literature about it and they also reveal the presence of violence in the schools of Uruguaiana. So, the violence showed is similar in schools not only of the state level but also in a the national and international level. One of the positive findings of this investigation was that the way to overcome violence, in Uruguaiana, is being constructed with the society participation and that there is a constant search for a better solution. Whenever the community participates and is active, it helps to construct a new way for the school and motivates a new time for education.

1 INTRODUÇÃO

A violência social multiplica-se de tal maneira que não se pode arriscar um prognóstico de como será na virada do milênio.

Em todo o mundo nunca se falou tanto em violência como, atualmente. É provável que em nenhum outro momento tenham sido realizados estudos, pesquisas e trabalhos com a intensidade de hoje, na busca de soluções para o problema que atinge, indiscriminadamente, todas as camadas sociais e instituições, e também, a escola.

A escola é reconhecida como espaço propício à violência. Os educadores condenam os alunos pela prática da violência, mas não percebem que, eles próprios, muitas vezes, geram violência para com estes alunos.

Os atos de violência atingem, tanto a escola oficial, quanto a particular e toda sociedade sofre suas conseqüências. Todos se tornam inseguros, diante da violência.

Dentre os fatores que, possivelmente, contribuem para aumentar os índices de violência, estão o desemprego, a baixa renda, a discriminação racial, a baixa escolaridade, a desestrutura familiar e a estrutura socio-econômica do País.

Os atos de vandalismo, o uso de drogas, as brigas entre colegas, as

trocas de tiros, os espancamentos, as ameaças e, até mesmo, mortes prejudicam o presente e o futuro da escola, evidenciando um desejo de destruição.

A sociedade sente-se insegura e ameaçada. Por isto, busca formas e fórmulas que possam frear essa escalada.

Ir à escola, atualmente, resulta em medo e intranqüilidade.

O próprio Estado, há muito tempo, não tem garantido acesso à escola pública para todos, o que desencadeia novas modalidades de exclusão social pelos mecanismos de seleção que o sistema educativo oferece.

Como consequência, a escola se torna um dos alvos das várias manifestações de violência, interna e externa, discutidas com frequência, a exemplo do que acontece em outras áreas das atividades humanas como, economia, moda e futebol.

Agressões mútuas, atos de vandalismo, arrombamentos e até incêndios provocados, criminosamente, estão na base dessa discussão, diante dos níveis e da periodicidade com que tais fatos se registram, sempre cobertos com a certeza de uma certa impunidade.

Esse conjunto de situações oportunizou a realização de estudos, pesquisas e reflexões, com o objetivo e o desejo de encontrar o equilíbrio na vida da sociedade e da instituição escolar.

2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A violência, praticada na escola, é lesiva ao patrimônio público e privado e, por si só, merece ser reprovável, tendo em vista que prejudica a harmonia do tecido social.

Tanto na França, quanto na Inglaterra ou nos Estados Unidos, por exemplo, a escola apresenta problemas sérios de violência.

No Brasil, não é diferente, pois a violência sistemática na escola ocorre, tanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, como em Uruguaiana.

Em nosso País, a escola pública, parte do contexto social, reflete em seu cotidiano os problemas da macrosociedade.

Hoje, ela aparece, também, como um local de abandono em face da situação que enfrentam professores e alunos, tornando-se reféns da violência que, no âmbito escolar, desencadeia-se.

Neste trabalho, estamos investigando **a questão da violência, na escola, em Uruguaiana/RS, e qual a percepção dos diretores, professores, alunos, Delegada e Secretária de Educação, em relação à violência.** Uruguaiana é um município gaúcho com 130 mil habitantes, maior porto seco da América Latina, um dos pólos do Mercosul, localizada na fronteira Oeste do Brasil com a

República Argentina.

2.1 QUESTÕES DE PESQUISA

Neste trabalho, estamos investigando **a questão da violência na escola, em Uruguaiana/RS, e qual a percepção dos diretores, professores, alunos, Delegada e Secretária de Educação, em relação à violência.**

As perguntas objetivam:

- a) Investigar a realidade da violência, nas escolas de Uruguaiana, na percepção de diretores, professores, alunos, Delegada e Secretária de Educação, nos aspectos internos: disciplina; uso de drogas; brigas e atos de vandalismo. E, nos aspectos externos: furtos, roubos e assaltos.
- b) Verificar a ocorrência de atos de violência na escola pública e privada, localizadas nas zonas central e periférica do Município.

O trabalho investiga as causas e buscou conhecer os procedimentos que estão sendo usados para diminuir a violência na escola, pois ela não pode transformar-se no espaço em que deságuam as raivas, as frustrações e os ressentimentos, em crianças, jovens e adultos, gerados em boa parte, longe da sala de aula.

Procurou, ainda, analisar as manifestações da violência na escola, sua influência no ato de educar e sua repercussão na comunidade escolar.

2.2 OBJETIVO

Obter subsídios para repensar ações preventivas contra a violência nas escolas de Uruguaiana e, nas escolas, de uma forma geral.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Educadores brasileiros, preocupados e pressionados com o problema da violência na escola, trabalham, especialmente, na década de 90, na busca de compreensão deste fenômeno. Nestas pesquisas, encontramos pontos coincidentes e convergentes sobre a prática da violência na escola, nas várias regiões e centros urbanos de nosso País.

Na obra “Educação: carinho e trabalho”, coordenada por CODO (1999), BATISTA E EL-MOOR, Capítulo 7 (p. 139-161) trata da violência e da agressão e de como ela se torna um fator agravante das condições de trabalho dos professores, levando ao *stress* e ao *burnout*.

Para alguns pesquisadores, na análise de BATISTA E EL MOOR, o que presenciamos nas escolas, “enquanto apelo biológico”, seriam agressões, não existindo um vínculo dessas, na prática, com a violência (p. 139).

Para os autores, o problema de violência nas escolas brasileiras reflete a violência social. A violência está se tornando tão comum que se considera banal e causa um aumento nas preocupações com a integridade física das pessoas que participam da comunidade escolar e com o patrimônio público que vem sendo depredado.

A pesquisa, coordenada por CODO, mostra que o aluno experimenta a

violência nas várias dimensões de sua vida social, na família e na escola. A violência, na família, aparece sob a forma de espancamentos, abusos sexuais, utilização de menores no tráfico de drogas, venda ilegal de armas e organização de gangues.

Em relação à violência na escola, ele identificou o problema da exclusão social e da auto-estima. Para ele, este descaso aumenta a revolta dos jovens e o desejo de destruição.

Num País, como o Brasil, em que a desigualdade social está entre as maiores do mundo (BARROS; HENRIQUES E MENDONÇA, 2000), a diferença entre quem tem e quem não tem é exacerbada, criando um problema social de grandes dimensões.

Se a escola não encontrar meios de produzir uma interatividade com sua comunidade, buscando solução para os problemas sociais, afirmam BATISTA E EL-MOOR, ela estará, talvez, “produzindo seu próprio coveiro” (1999, p. 149).

Além disso, destacam que a discriminação e a humilhação a que são submetidos os que têm dificuldades para adaptar-se à escola, também, aparecem como uma forma diferente de violência.

BATISTA E EL-MOOR ressaltam que:

Medidas de combate à violência, como portões trancados e guardas dentro da escola, não são tão efetivos como se poderia pensar. Entretanto, sua pesquisa indica que quando as escolas buscam segurança externa, junto com a comunidade, obtém maior sucesso no combate à violência (1999, p. 157).

O item roubo e/ou vandalismo nas escolas públicas estaduais assume proporções preocupantes e as grandes escolas são as mais visadas. A violência decorre de fenômenos sociais. Por isto, nas grandes concentrações urbanas, como nas Capitais, os índices de violência são maiores, atingindo mais as

escolas. Isto, também ocorre com relação às agressões aos professores BATISTA E EL-MOOR (p. 151).

No tópico, defesa das escolas, o trabalho, coordenado por CODO, conclui que naquelas aonde não há segurança externa, registra-se maior incidência dessa prática, indicando uma necessidade mais acentuada de reforço da segurança, realizada nas áreas próximas.

BATISTA E EL MOOR deixam claro que um dos maiores problemas causados pela violência na escola é *“o rompimento de confiança entre as pessoas. Todos desconfiam de todos, tornando a relação diária, uma paranóia”* (p. 159-160).

Outro pesquisador, que aborda questões relacionadas ao tema, é TAVARES (2000), considerando as experiências das escolas municipais de Porto Alegre. Em sua obra, trata das práticas de violência, trabalhando com a noção de *“cidadania dilacerada”* (TAVARES , 2000, p. 14), tendo em vista que ela mostra, exatamente, o dilaceramento do corpo e da carne e seu crescimento constante ameaça as possibilidades de participação social e da cidadania.

Para recuperar esse dilaceramento, ele aponta o caminho da reconstrução, enfatizando que a Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre e, hoje, também as escolas públicas do Estado, desenvolvem o chamado *“Projeto Escola Cidadã”*, que quer a participação de todos nas decisões e na vida da escola.

Na abordagem do tema *“A escola cidadã e o enigma da violência”*, TAVARES (2000, p. 14), considera a violência como *“um dispositivo de excesso de poder, uma prática disciplinar que produz um dano social”* (p. 16).

Na organização do programa *“Ação Contra a Violência na Escola”*,

parte do projeto se baseou nos dados recolhidos e analisados e a outra, nas informações recolhidas da imprensa.

A violência na escola é um fenômeno que ocorre em toda parte do Planeta, independentemente, de ser país pobre ou rico, desenvolvido ou não, destaca TAVARES (2000, p. 23), citando os estudos que a França realiza, desde 1981, preocupada com a violência e a missão educativa. A insegurança no meio escolar, possivelmente, está ligada às transformações globais e às relações do aluno com o educador.

Ao tentar desvendar as relações sociais, para descobrir as causas da violência contra o patrimônio da escola, diz o pesquisador que, em Porto Alegre: “*estamos diante de uma rotineira manifestação de violência*” (p. 29). No trabalho, organizado por TAVARES (2000, p. 30), os atos de violência, contra o patrimônio, aparecem, em primeiro lugar. São seguidos pelos furtos com a intenção clara de apropriação do bem alheio, mostrando a escola como ponto de explosão de todo o tecido social (político, econômico e cultural).

Para ele, ao mesmo tempo, esse conflito pode criar laços sociais que impõem, como condição, o exercício da negociação, utilizada como estratégia, para resolver os conflitos no âmbito escolar.

Para Tavares, a violência escolar é um problema global e, não, uma doença localizada. As transformações da sociedade são apontadas como causa mais importante neste contexto e a violência contra a escola, sua resultante.

A redução dos problemas causados pelos atos de violência na escola, observa o pesquisador, poderá ser atingida, na medida em que ocorra um trabalho coletivo, que envolva todos os segmentos da comunidade escolar.

Os atos de vandalismo, assim entendidos, como atos de violência contra

à escola, englobam, diz TAVARES, “*os fatos relativos a arrombamentos, roubos, furtos e ações de gangues.*”

O trabalho identifica práticas de violência contra a pessoa, causando preocupação: “... *uma professora ao tentar tirar de dentro da escola um grupo de alunos que fumava maconha teve seu carro destruído e foi ameaçada de aparecer com a boca cheia de formigas*” TAVARES (2000, p. 33).

As “fraturas”, provocadas na família e na escola, estimulam a marginalização e a criminalidade.

TAVARES, como outros pesquisadores, conclui que um dos caminhos para diminuição da violência na escola é o que passa pela participação da comunidade.

CASTRO (1998) inicia uma pesquisa, em escolas públicas do Município de Porto Alegre, denominadas Alfa e Beta, com o objetivo de investigar a prática cotidiana dos diretores de escola. No decorrer do trabalho, com duração de dois anos, surgiram elementos novos que mudaram o rumo da pesquisa. A questão da violência e a explosão do problema social, dentro da escola, passaram a ser vistas como integrantes básicos na prática da administração escolar.

CASTRO mostra os dados colhidos que evidenciam a tendência nacional, com relação à segurança na escola.

A segurança interna e externa e as drogas aparecem na base da explosão do problema social. A violência, dentro da escola, assume várias formas, como a provocada por assaltos, roubos e tiroteios, promovendo um clima de terror. Foram, ainda apontados, pela autora, os problemas de ingerência dos pais na vida da escola, com a presença daqueles que querem proteger os filhos na hora

do recreio e que acabam colidindo com a autoridade e os serviços da escola.

Os problemas de disciplina aparecem em, praticamente, todos os momentos da pesquisa de CASTRO (1998).

Segundo ela, a desestruturação da família, que pode ocorrer pela morte do pai ou da mãe ou pela separação de ambos, revela-se como mais um vetor de violência, resultante dos problemas sociais, no cotidiano escolar. O tráfico e o consumo de drogas, envolvendo crianças, desde a primeira série do ensino fundamental, também, acaba dificultando o trabalho com eles.

Não se pode deixar de considerar o comportamento intencional violento que, conforme ela, tem a intenção de destruir: *“Na escola Alfa, quando um grupo de alunos urinou na caixa d’água, que serve à escola, se identifica um comportamento intencional violento, com intenção de destruir, de contaminar a água da escola, mas, ao mesmo tempo, pode ser um indicador de revolta, da necessidade de reconstrução”* CASTRO (1998, p. 12).

O conflito das classes sociais, igualmente, concorre para a violência na escola. Para CASTRO, o tema *“nos remete à questão do papel da escola para as classes populares e às diferentes pressões que a escola sofre”* (1998, p. 20).

Ao concluir, CASTRO (1998, p. 22) alerta sobre a *“necessidade de repensar a educação da classe trabalhadora, exigida pela própria violência que, nesse sentido, funciona como fator de renovação e de construção do coletivo social.”*

Alba ZALUAR, em sua obra *“Condomínio do diabo”*, estudou a população da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, e as implicações para a questão do papel da escola para as classes populares. Segundo ela, a violência presente no meio urbano e periférico faz com que a escola assuma um novo

papel.

ZALUAR (1994, p. 194), em seu trabalho, destaca que:

Esta relação provisória e instrumental com a escola, que não era mais vista como uma geradora de valores sociais ou de projetos familiares, também teve outras graves conseqüências. É que a escola e todos os demais projetos episódicos e fragmentados de complementação escolar, passaram a ser entendidos como um meio de ‘tirar o menor da rua’, onde certamente cairia na criminalidade e na violência. Mas não se discutiu o projeto pedagógico desta escola e destes programas curtos. Ela passou a ser um prédio vazio, onde se mantiveram ocupadas as crianças por algum tempo ou por tempo integral até que as exigências de renda familiar ou a idade de trabalhar a chamassem de volta à rua.

Para ZALUAR, ao desviar o foco principal da escola, que é educativo, transformando-o em, meramente, *alimentar e depositário de crianças*, faz com que os excluídos percam, talvez, a única oportunidade de acesso ao conhecimento.

O estudo de ZALUAR revela que a expectativa de vida, para os jovens das classes excluídas, é bem menor do que aos que pertencem às classes médias ou altas, porque no seu ambiente de vida, como descreve a pesquisadora, não há muita escolha: *“O jovem é forçado à delinqüência, para poder sobreviver”* (1994, p. 141).

Sendo, assim, a pesquisadora em referência conclui que os projetos que surgiram como inovadores e salvadores, ocupando o aluno em tempo integral, resumem-se à idéia de que: *“para pobre, qualquer coisa serve. Pouco ou nada se disse sobre o uso da liberdade e da participação que se queria alcançar”* ZALUAR (1994, p. 194).

O trabalho de FUKUI, um estudo de caso sobre segurança, nas escolas públicas de São Paulo, levantou notícias veiculadas pela imprensa, como itens de reflexão ao tema principal: Violência nas escolas: *“As imagens violentas da*

mídia chocam-se com a experiência escolar de anos atrás, em que a escola era um lugar abrigado e seguro” FUKUI (1991, p. 69).

Nos dados levantados por FUKUI, em todas as escolas da rede de São Paulo, aparecem, com mais frequência, as agressões à pessoa do que os atos de depredação ao patrimônio. Destacando, ainda, que, nas escolas, ocorrem diversos tipos de invasões: *“por alunos, pela população do bairro, para ações violentas e por policiais ou judiciário. Estas últimas, segundo a pesquisa, só serviram para constranger os professores, quando um juiz entrou na sala de aula para revistar alunos” (1991, p. 71).*

Na pesquisa, foi constatada a presença do aluno insistente. Este aluno não se preocupa com o estudo, mas se mantém na escola pelas relações sociais. Para ele, esta é uma das únicas alternativas para o convívio com outros jovens. Eles perturbam e dificultam o trabalho escolar regular.

Outro problema apontado é o de ordem pedagógica: *“Aí encontram-se os professores mal preparados e desinformados, aqueles que são indiferentes e ainda bloqueiam as medidas de mobilização e transformação que a escola deseja implantar” FUKUI (1991, p. 73).*

Os depoimentos pesquisados revelaram que *“de pouco adianta a presença do policial na escola para lidar com uma população indiferenciada que é tratada como marginal ou delinqüente. Nesses casos a ação do professor pareceu ser muito mais produtiva e eficaz” FUKUI (1991, p. 74).*

Para concluir, ressalta que: *“a tarefa do educador é procurar entender de que forma o processo de exclusão social, que toma a escola, favorece o aumento da desigualdade social” FUKUI (1991, p. 75).*

O tema, levantado no estudo de caso de FUKUI, questiona: *“será que*

os educadores não podem propor ações construtivas que revertam a situação de exclusão e desigualdade social no cotidiano da escola?” (1991, p. 76).

A profunda crise, que envolve a sociedade brasileira, oportuniza o surgimento ou a organização de grupos bem definidos que, de uma forma geral, são integrados por excluídos das periferias dos centros urbanos, conhecidos por suas ações violentas.

Esses grupos, também, conhecidos como gangues, mereceram o estudo de GRACIANI (1999). Em seu trabalho: *Gangues um desafio político-pedagógico a ser superado*, elas aparecem como fruto de uma realidade social excludente, que se organizam com o objetivo de autodefesa, passando uma imagem de força, audácia ou poder.

GRACIANI diz que: *“esses grupos sofrem influência de grupos estrangeiros e pela conotação pejorativa do nome preferem ser denominados de grupos ou turmas organizadas, ao invés de gangues”* (1999, p. 150). Ela propõe uma ação educativa e, ao mesmo tempo, desafiadora para com estes grupos organizados.

A maior dificuldade dos educadores, em particular daqueles que atuam em São Paulo, segundo GRACIANI, é de como fazer para atingir esses grupos marginalizados. *“O compromisso político com os sujeitos excluídos deve ser norteado por uma educação libertadora”* (1999, p. 154). Por isto, muitos valores precisam ser resgatados e construídos com projetos que tenham a participação de todos aqueles que têm poder de decisão.

A autora faz parte de um grupo que trabalha com esses excluídos e o relato é comovente. Ela descreve o trabalho realizado, há longo tempo, e aponta conquistas bem visíveis, a partir da ação integrada da escola, universidade e turma do poder. Foi construído *“um trabalho que busca conhecer as*

verdadeiras causas da organização, da ética e dos valores privilegiados pelo grupo organizado” (GRACIANI, 1999, p. 167).

Segundo ela, existem possibilidades e esperança num trabalho com as gangues.

Outro trabalho de pesquisa, relacionado à temática da violência, refere-se ao Grupo Pesquisa-Ação da UNESP, Campus Rio Claro, São Paulo, que tem, entre seus participantes, Roberto Ribeiro Baldino e Antônio Carlos Carrera de Souza. O grupo, nos últimos anos, tem-se reunido para o relato de experiências e resultados de tarefas em sala de aula, como proposta alternativa.

BALDINO e SOUZA (1999, p. 191-203) publicaram o trabalho: *“Manifesto sobre o cotidiano da escolaridade brasileira”*, em que sustentam, entre outras teses, o fracasso da Escola Pública, de São Paulo, que já extrapolou a própria sala de sala.

Para ilustrar suas posições destacamos, do trabalho, episódios expostos numa das reuniões do GPA (Grupo Pesquisa-Ação), relacionados com o tema dessa pesquisa: violência na escola.

O professor tem de aprender a lidar com diferentes problemas e situações, como no exemplo abaixo:

o participante do grupo contou que tem em sua sala de aula um aluno que o xinga. Isto começou desde o primeiro dia em que ele veio à escola, algum tempo após o início do ano. Agora, basta eu olhar para ele, que o mesmo começa, em voz baixa, a dizer “ sua isso, sua aquilo. E não adianta falar para o diretor porque o máximo que aconteceria, seria o diretor dizer para ele pedir desculpas. Esta agressão ao professor, continua. Ninguém quer pedir mais carona para o aluno, porque ele canta todas as professoras (BALDINO E SOUZA, 1999, p. 193).

Devem buscar formas alternativas para controlar e lidar com esse tipo de

problema.

Quando o assunto são as gangues, os participantes contam que as pessoas da comunidade escolar, colegas, professores e, até mesmo, o guarda, tendem a não interferir no processo. *“Noutro dia, tinha duas meninas, brigando no pátio. Eles ficavam em volta, quem tentasse entrar eles empurravam para fora e não apartavam. Fomos chamar o zelador que é PM. Não posso fazer nada. Moro aqui com minha família; não quero sofrer represálias”* (BALDINO E SOUZA, 1999, p. 198).

A posição dos autores é que a escola pública está falida, mesmo que *“o discurso oficial afirme que ela é o futuro do Brasil,* BALDINO E SOUZA (1999, p. 199). Para eles, há um distanciamento entre a fala do governante e a prática. Na avaliação dos autores, *“a sociedade tem a escola de que precisa para ensinar a reproduzir a prática social da impunidade”* (1999, p. 202). *E “a violência usa gravata, senta-se em Brasília, chama-se impunidade”* (1999, p. 203).

Também, MORAIS (1995), em sua obra, *Violência e Educação*, defende a idéia de que: *“é necessário encontrar-se um ponto de equilíbrio entre razão e emoção entre discernimento e vontade e levanta uma questão considerada primordial: o sentido de educar, no seio de uma sociedade cheia de violências, consumista e produtivista”* (p. 12-13).

Para o autor, existem possibilidades de superação do problema da violência, que deve ser construído com muita paciência.

Conhecer e identificar as diferentes faces e formas da violência é uma das condições para sua sublimação.

Ao nos prepararmos para o início de um novo século e milênio, lembra:

“Intuímos que novos tempos se anunciam, e não como simples vezo de final de século ou de milênio. Como, muitas vezes comentou, Condorcet, no distante Século XVIII, não podemos perder o momento certo para rompermos a violência da estrutura social injusta, para que tenhamos uma educação construtiva” (MORAES, 1995, p.27).

A violência das omissões é um destes tipos trabalhados pelo autor. O professor, não pode omitir-se de realizar suas tarefas, como educador.

Não me refiro a apenas negligências e preguiças; focalizo certas posturas do professor derivadas de curiosos modos de pensar que defendem uma liberdade que não é referenciada nem à faixa etária e nem ao caráter relativo das liberações humanas quando em confronto com conquistas que exigem disciplina - como é o caso do crescimento cultural (MORAES, 1995, p. 47).

A violência da burocracia mal utilizada reprova o culto obsessivo a normas e regras e adverte que: *“os verdadeiros educadores não devem e não podem permanecer omissos ante administradores que se excedem no gosto pela copiosa normatização burocrática”* (MORAES, 1995, p. 51).

As violências praticadas na escola podem passar despercebidas ou, quem sabe, observadas, somente, quando exercidas de forma ostensiva. Entretanto, levantar estes outros tipos de violência evitará que elas passem *indiscutidas, exatamente, por faltar-lhes o impacto da brutalidade sangrenta,*” conclui MORAI (1995, p. 54).

SPÓSITO, ao tratar da exclusão social, está identificando-a como uma forma de violência. Quando o Estado não oferece garantia para que o aluno tenha acesso à escola pública está promovendo a exclusão social, desrespeitando o indivíduo.

A exclusão social do jovem de classe popular, produzida pela escola pública, provoca o seu afastamento da vida da comunidade e do exercício de

uma cidadania plena.

Afastado da escola e sem a oportunidade de participar da vida da comunidade, de forma produtiva, o crime se torna a única alternativa.

Na pesquisa, realizada por SPÓSITO, em São Paulo, ações contra o patrimônio foram muito comuns. *“Em 1982, cerca de 66% das escolas públicas de São Paulo sofreram algum tipo de depredação, invasão, roubo e destruição, cometidos, geralmente, nos finais de semana”* (SPÓSITO, 1994, p. 7).

Dados mais atuais indicam a continuidade do problema. *“em 1990, de julho a novembro, ocorreram 1.732 casos de violência à escola, sendo que 35% correspondiam ao item depredações, sem furtos e roubos”* (SPÓSITO, 1994, p. 7).

Compreender e interpretar tais comportamentos é uma das tarefas do pesquisador e podem ser vistas como uma forma de protesto contra a escola ou como expressão da crítica e insatisfação da comunidade com os serviços prestados. Como diz a autora: *“à impossibilidade do uso de suas dependências para recreação, - quando na maioria das vezes, nas comunidades, a escola é um dos poucos espaços que se presta a este tipo de atividades -, ou até mesmo, como forma de revide em relação às agressões vividas no cotidiano da escola”* (SPÓSITO, 1994, p. 8).

Como constatamos em outros autores, SPÓSITO também entende que a violência não é um problema estritamente brasileiro:

Assim, as reflexões a serem empreendidas devem incorporar o pressuposto de que não se trata de um fenômeno estritamente brasileiro. Por essas razões a análise das causas e das relações que geram condutas violentas no interior da instituição escolar impõe alguns desafios aos pesquisadores e profissionais do ensino, pois demanda tanto o conhecimento das especificidades das situações como a compreensão de processos mais abrangentes que produzem a

violência como um componente da vida social e das instituições, em especial da escola, na sociedade contemporânea. (SPÓSITO, 1998, p. 59)

A pesquisadora também enfatiza que:

a compreensão do fenômeno da violência começa a ser timidamente deslocada; abandona-se a idéia de atribuir responsabilidade ao outro, ao estranho, aquele que está fora da comunidade escolar. As investigações voltam-se para as práticas dos atores, inscritas no dia-a-dia dos estabelecimentos de ensino (SPÓSITO, 1998, p. 66).

Outra pesquisa, que aborda o problema da violência na escola, foi o trabalho de Eloisa GUIMARÃES (1991). Sua experiência é semelhante a de CASTRO (1998) que, quando se propôs pesquisar sobre administração da escola, acabou tendo que focalizar a violência, pois este foi o tema que emergiu como mais relevante na realidade estudada. Ao pesquisar a realidade do aluno, do ensino fundamental noturno, em escolas públicas do Rio de Janeiro, GUIMARÃES observou que a realidade predominante era a violência. Seu trabalho de pesquisa exploratória recolheu dados sobre tipos de violência registrados nas escolas estudadas.

Em sua investigação, as formas de violência observadas foram diferentes nas duas escolas. Na escola cuja violência se origina, internamente, estava mais presente a violência contra o patrimônio - o estado físico da escola, pichações, paredes imundas, maltratadas. Nesta escola, as luzes do banheiro não funcionavam e os alunos utilizavam o chão, ao invés do vaso sanitário, provocando um cheiro insuportável nas salas de aula, aonde trabalhavam professores e alunos.

Os alunos mostravam desprazer de estar na escola. “*Os alunos reclamavam que não eram respeitados pelos professores, outros, achando que os professores ensinavam mal.*” GUIMARÃES diz que havia sinais de outras violências, como drogas, mas “*a violência maior era infligida à escola pelos*

alunos, o que ficava evidente pela depredação do prédio, pela destruição dos quadros negros, das carteiras e das lâmpadas” (1991, p. 83).

Por isso, a escola reproduzia brigas de quadrilhas de traficantes e *quando a direção da escola realizou uma batida, muitas armas foram apreendidas” (GUIMARÃES, 1991, p. 85).*

Na outra escola havia uma clientela diferente. Eram alunos que trabalhavam em empregos formais e em diversos segmentos da sociedade. Nela, a violência vinha de fora para dentro, isto é, havia a formação de subgrupos, ligados a grupos externos de tráfico de droga e cada um ocupava o seu espaço. *“A violência maior parece vir da sociedade em direção à escola”, afirmou GUIMARÃES (1991, p. 85).*

Os dados da literatura nacional, aqui analisados, são confirmados por dados internacionais e evidenciam e dimensionam a questão da violência na escola. Ela reflete a violência, presente na sociedade, e sua presença na escola é um desafio a ser enfrentado pelos educadores e pela sociedade toda.

Concordamos com GUIMARÃES quando diz: *“O novo projeto educativo não será obra apenas de pedagogos. Representantes de outras ciências têm de ser acionados de forma urgente e consistente, trabalhando sobre o concreto, para que a escola consiga dar algumas respostas a esta nova sociedade de consumo” (1991, p. 89).*

A violência na escola é um problema internacional, existem vários estudos em diferentes países e contextos. O trabalho de POWNEY (2000) é um exemplo dentro do contexto escocês, que evidencia as dificuldades que os professores têm de lidar com a questão das drogas e da disciplina.

Encontrar alternativas para o problema da violência na escola significa,

talvez, caminhar para diminuir e canalizar, construtivamente, a violência social, criando uma sociedade mais pacífica e harmônica.

4 METODOLOGIA

Apresentaremos, neste Capítulo, a metodologia utilizada na coleta de dados e a análise específica realizada.

4.1 MÉTODO

Tendo em vista a natureza da pesquisa, a opção pela abordagem qualitativa deve-se as suas características. CASTRO (1994, p. 57), ao analisar o paradigma proposto por Guba, ressalta que a ação do pesquisador envolve habilidades de olhar, escutar e ler. Além disto, nesta abordagem, a análise dos dados inicia pelas entrevistas, observações, documentos e outros.

4.2 PARTICIPANTES

Com o objetivo de investigar a questão da violência escolar foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, envolvendo dezessete pessoas, entre elas: cinco diretores; cinco professores; cinco alunos; a Secretária Municipal de Educação e a Delegada de Educação, da 10^a DE confirma a opção metodológica.

Os interlocutores da pesquisa foram selecionados pela escolha acidental, com exceção da Secretária e da Delegada de Educação. A participação aconteceu de forma espontânea.

4.3 PROCEDIMENTOS

As entrevistas foram estruturadas com base nas questões norteadoras da pesquisa e foram realizadas, durante um período de quatro meses, agendadas antecipadamente.

A coleta de dados envolveu entrevistas, fotos e projetos das escolas, em relação à violência. Das cinco escolas que participaram da pesquisa duas são estaduais, duas municipais e uma particular, todas localizadas na Zona Urbana, do Município de Uruguaiana, nas áreas central e periférica.

As entrevistas foram gravadas em fitas cassete e transcritas, buscando identificar as respostas dos interlocutores e a frequência em que elas ocorreram para, após, agrupá-las aos tópicos selecionados previamente. As entrevistas realizadas permitiram identificar as diferentes formas de expressão da violência na escola, considerando:

- a) **Violência ao Patrimônio da Escola**, sub-itens: roubo por agentes internos; roubo por agentes externos; atos de vandalismo por agentes internos e atos de vandalismo por agentes externos.
- b) **Agressões interpessoais**, sub-itens: agressões entre alunos; agressões a professores; brigas entre grupos internos e externos.
- c) **Uso de drogas**, sub-itens: uso de drogas na escola; comercialização de drogas na escola; vinculação aluno/tráfego externo; porte de arma no interior da escola; problemas com gangues.
- d) **Causas concorrentes para a violência**, sub-itens: desestruturação familiar (violência familiar); situação socioeconômica (exclusão

social); localização da escola.

e) **Formas de proteção contra a violência**, sub-itens: Segurança interna (muros - grades - segurança); segurança externa (Brigada Militar); valorização do aluno/pessoa; envolvimento comunitário; valorização do professor.

Além do material de apoio, produzido no contexto escolar, também, buscamos informações em noticiários de TV, rádios e jornais de circulação nacional, estadual e local, para enriquecer e complementar a abordagem do tema em análise.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados da pesquisa foram trabalhados mediante análise de conteúdo, observando os procedimentos abaixo descritos.

Após a transcrição das entrevistas, com depoimento das diretoras, professores, alunos, Secretária e Delegada de Educação, num total de 17 participantes das escolas caracterizadas como sendo **E1; E2 (escolas da rede municipal), E3; E4 (escolas da rede estadual) e E5, particular**, realizei várias leituras para extrair os conteúdos relevantes ao estudo.

Em seqüência, procedi à categorização das unidades de sentido, utilizando números como códigos para os itens propostos, anteriormente e expressos no Quadro número 1.

Organizando os dados por categorias, iniciei o processo de descrição de cada item, inserindo citações diretas dos interlocutores, fundamentos teóricos, como forma de aprofundar a compreensão do fenômeno investigado e referenciais extraídos dos meios de comunicação, ilustrativos dos tópicos.

O Quadro nº 1 registra a frequência das respostas para cada um dos sub-itens. É o mapeamento geral de idéias.

Quadro 1 - Violência na escola - Mapeamento geral de idéias

IDÉIAS	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.1 VIOLÊNCIA AO PATRIMÔNIO					
5.1.1 Roubo por agentes internos	1	1	0	0/0	02
5.1.2 Roubo por agentes externos	1	0	0	0/0	01
5.1.3 Atos de vandalismo por agentes internos	3	4	4	0/0	11
5.1.4 Atos de vandalismo por agentes externos	1	2	1	1/0	05
5.2 AGRESSÕES INTERPESSOAIS					
5.2.1 Agressões entre alunos	2	4	3	0/1	10
5.2.2 Agressões a professores	2	2	2	0/1	07
5.2.3 Brigas entre grupos internos e externos	2	1	1	1/0	05
5.3 DROGAS / ARMAS					
5.3.1 Uso de droga na escola	4	3	3	1/1	12
5.3.2 Comercialização de droga na escola	1	2	0	0/0	03
5.3.3 Vinculação aluno/tráfico externo	1	2	0	0/0	03
5.3.4 Porte de arma no interior da escola	3	1	0	0/0	04
5.3.5 Problemas com gangues	3	2	1	1/0	07
5.4 CAUSAS CONCORRENTES PARA A VIOLÊNCIA					
5.4.1 Desestruturação familiar (violência na família)	3	4	0	0/1	08
5.4.2 Situação socioeconômica (exclusão social)	3	3	0	0/1	07
5.4.3 Localização da escola	4	2	3	1/0	10
5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA					
5.5.1 Segurança interna (muros, grades, seguranças)	5	2	3	1/0	11
5.5.2 Segurança externa (Brigada Militar)	1	1	2	0/1	05
5.5.3 Valorização do aluno pessoa	5	2	1	1/1	10
5.5.4 Envolvimento comunitário	5	4	4	1/1	15
5.5.5 Valorização do Professor	2	4	0	0/1	07

Obs. Os números indicam quantos interlocutores responderam, ao tópico

5.1 VIOLÊNCIA AO PATRIMÔNIO

Na violência ao Patrimônio, primeiro item desta pesquisa, entre as quatro situações questionadas: roubo por agentes internos; roubo por agentes externos; atos de vandalismo por agentes internos; e atos de vandalismo por agentes externos, observou-se que os dois últimos são os que mais atingem o patrimônio da escola.

A pesquisa, realizada em Uruguaiiana, indicou que a realidade dessas escolas assemelha-se, em muitas situações de violência, à realidade das escolas de outras cidades.

O Quadro nº 2 registra a frequência de respostas

5.1. Violência ao Patrimônio	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.1.1 Roubo por agentes internos	1	1	0	0	2
5.1.2 Roubo por agente externos	1	0	0	0	1
5.1.3 Atos de vandalismo por agentes internos	3	4	4	0	11
5.1.4 Atos de vandalismo por agentes externos	1	2	1	1/0	5

5.1.1 Roubo por agentes internos

Roubo por agentes internos somente foi admitido pelo diretor da **E1(municipal)** e o professor da **E3(estadual)**.

5.1. Violência ao Patrimônio	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.1.1 Roubo por agentes internos	1	1	0	0	2

Destacou que isso acontecia antes de ter assumido. Pela gravidade dos fatos, foi registrado na Delegacia de Polícia de Uruguaiana, em Boletim de Ocorrência: *“Olha, não temos registro nenhum de roubo e nem de assalto. De janeiro para cá não temos nada registrado. Algo que tenha sido roubado, assaltado, danificado, não”*.

E, antes de ter assumido, o senhor tem conhecimento de algum registro, perguntamos?

“Tenho, sim. Há parte na Polícia, registros, é uma série de acontecimentos tristes.”

Entre os professores, um dos cinco entrevistados observou que o fato devia-se à desumanização presente em muitas das nossas atitudes. Os alunos são obrigados a ir para a escola e reagem a esta imposição, depredando-a, num gesto de raiva. Esquecem que a escola é uma instituição.

“A principal violência eu acho que é a praticada contra os bens materiais da escola. Isto é uma violência. Sempre digo, para os meus alunos: vocês têm raiva da escola porque são obrigados a vir e acham que desestruturando-a, materialmente, vocês vão terminar com a escola. Eles esquecem que a escola é uma Instituição.” Depoimento do professor da **E3 (estadual)**.

Os alunos não quiseram falar sobre roubo por agentes internos, o mesmo ocorrendo com a secretária e a Delegada de Educação.

Para CODO (1999, p. 150):

É possível identificar nas escolas duas categorias de delitos: os roubos e o vandalismo que atingem o patrimônio da escola e as agressões interpessoais... Furtos e roubos que atingem o patrimônio das escolas públicas estaduais chegam a proporções preocupantes na atualidade. De fato, no conjunto, as regiões do Brasil têm alta

porcentagem de escolas que enfrentam problemas de roubo e/ou vandalismo. Em todas as regiões tem-se estados caracterizados por um alto índice de vulnerabilidade a estes episódios, mais de 60%, com problemas.

Roubo por agentes internos, contrariamente, ao verificado por pesquisadores em outras localidades, não se apresentou como fator de preocupação para a maioria dos entrevistados em Uruguaiana, porque apenas dois, num total de 17, falaram sobre o tema.

5.1.2 Roubo por agentes externos

A única resposta para a questão roubo por agentes externos foi dada pelo Diretor da **E2 (municipal)**, mostrando que o tópico não têm muita relevância para a escola. O própria diretor disse que os transtornos observados eram provocados mais pela falta de espaço.

5.1 Violência ao Patrimônio	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.1.2 Roubo por agentes externos	1	0	0	0	1

“Nós nunca fomos assaltados. Os vidros e as janelas que estão quebrados é porque não temos uma área específica para educação física e ela é realizada no meio do pátio. Os transtornos ocorrem porque, por exemplo, as bolas que os professores utilizam na educação física, acabam quebrando os vidros. Mas é raro.”

Conversamos com cinco professores e cinco alunos e estes não falaram sobre a existência ou conhecimento de roubo na escola por agente externo. O mesmo aconteceu nas entrevistas com a Secretária e a Delegada de Educação.

Em seu trabalho, “Violência no cotidiano da Escola Básica”, CASTRO (1998, p. 10) afirma que o problema da segurança está relacionado com os

roubos que ocorrem no ambiente escolar - material esportivo (bolas, redes), gravador, vídeo, computadores, o que exige constante cuidado e preocupação dos professores, dos serviços e dos próprios alunos.

“Alguma coisa assim, coisas que até que eu estranhei; levaram o telefone da escola, o aparelho; a gente conseguiu um banco para o guarda usar no fim-de-semana, levaram também; roubaram duas pias do banheiro que alguém deve ter levado debaixo do braço, ninguém viu, mas isso não durante o funcionamento da escola.”

Sobre o tema FUKUI (1991, p. 71) fala:

Os atos de violência desse tipo (assalto à mão armada, agressões, ameaças, lesões corporais) raramente ocorrem no interior da escola, mas sim em seus arredores, e exigem ação policial, porque são casos de segurança pública... a invasão pela população do bairro ocorre muito mais por uma indefinição de espaços da escola e pela facilidade de acesso, do que por intenção de depredação ou ação agressiva.

Em Uruguaiana, os entrevistados mostraram que a situação, nesse item, é parecida com a encontrada por Fukui.

5.1.3 Atos de vandalismo por agentes internos

As escolas de Uruguaiana se encontram mais expostas aos atos de vandalismo que são decorrentes do problema social, de um modo geral.

5.1. Violência ao Patrimônio	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.1.3 Atos de vandalismo por agentes internos	3	4	4	0	11

Os atos de vandalismo, por agentes internos, são provocados pelo uso de facas, rompimento das maçanetas das portas, quebra de banheiros entre outros.

Alguns alunos atearam fogo nas cortinas da sala de aula e nas lixeiras.

Diretores, professores e alunos falaram sobre a ocorrência deste tipo de violência na escola.

O Diretor da **E3 (estadual)**, disse: *“eles, os alunos, fazem horrores. Uns pegam o material dos outros, escondem, rasgam, implicam. Até faca eles utilizam. Na saída, eles se armam. Quando está a nosso alcance, a gente procura resolver, mesmo fora do portão da nossa escola”*.

Continua informando: *“Eles arrancam as maçanetas da porta, o marco das portas, coisas assim. Nos banheiros, eles fazem horrores. Até mesmo, eu tive um aluno do quarto ano que pegou uma pedra, de uma santa que nós temos aqui na escola e, simplesmente, largou na pia do banheiro”*.

Para o Diretor da **E4 (estadual)**, atos de vandalismo também ocorrem em sua escola:

Nós registramos, há três anos, dentro da escola atitudes agressivas. Um dia que faltou luz, foi incendiada uma cortina da sala de aula. Outras vezes, foi colocado fogo nas lixeiras internas e externas e mais recentemente, a última ocorrência foi fogo no banheiro. Tínhamos instalado um banheiro, abrimos um outro que estava com material guardado e foi colocado fogo num colchão, provocando fogo no teto. Não foi um incêndio grande, mas foi uma agressão ao patrimônio da escola.

O Diretor afirmou, também:

De verdade, a violência contra o patrimônio da escola, foi causada por pessoas da escola. Ninguém invadiu a escola para quebrar mesa, cadeira, riscar parede, estragar banheiro, colocar bomba. Houve, sim, na parte interna da escola, alguma depredação. A gente nem fala, agora, nesta gestão. Mas a gente teve dificuldades antes, não é. Não querendo colocar nas outras direções, mas a gente vê muita dificuldade de achar o caminho para evitar isto. Eu acho que a gente conseguiu.

Na **E5 (particular)**, o Diretor disse que esse tipo de violência não ocorre em sua escola:

Não. Nós não temos alunos violentos. A nossa escola é bem diferente das outras escolas. Aqui, os alunos normalmente trabalham durante o dia e quando eles chegam na escola vêm com o objetivo de aprender, de estudar. Como nossa formação é técnica, oferece para eles uma formação específica para que entrem logo no mercado de trabalho, aonde muitos já estão atuando, então, não há este tipo de violência.

Dos 5 professores entrevistados, 4 falaram sobre a existência de atos de vandalismo por agentes internos na escola. Na tentativa de evitar estes atos, algumas escolas fazem o aluno recuperar o material estragado.

A violência vem de casa, disseram os professores entrevistados. Ela se manifesta pela falta de amor dos pais. Na verdade, é um abuso da liberdade que a escola oferece.

Por isso, o aluno se comporta de acordo com as coisas que presencia na sua rua ou no seu bairro. Se não houver um controle, ele acaba querendo exterminar com as pessoas que estão a sua volta.

A professora da **E1 (municipal)**, contou que a escola está conseguindo fazer o aluno ou o pai realizar o conserto de objetos quebrados.

É o conserto, a pessoa vem e faz este trabalho, tanto o pai como o aluno, se o pai não pode vir o aluno faz. Isto acaba dando resultado. Já aconteceu comigo. Um menino sentou na classe e estas classes são frágeis, abriu as pernas da mesa, aí eu disse para ele: tu vais, na saída da aula, na direção. Vamos escolher um horário para refazeres isto aí. Outra coisa aconteceu, também, esta semana, de sair a lasca da classe, da fórmica e a gente trouxe, também, cola de casa e as crianças colaram. Eles vão aprendendo a gostar, a respeitar e cuidar da escola.

A respeito de vidros, classes quebradas, também, esta existindo um trabalho, assim, da direção com os professores. O aluno que faz, que pratica esse tipo de coisa dentro da aula, a gente esta procurando trazer para direção e se a criança não tem condições de pagar o material ela vai recuperá-lo.

Na **E3(estadual)**, a professora falou sobre fatos semelhantes: “os alunos abusam desta liberdade que têm na escola para extravasar a violência

que eles trazem de casa, da rua, de onde eles vem, do seu bairro e vão se acostumando”.

Outra professora **E4(estadual)** contou que: *“bom, primeiro o que o jovem faz dentro da sala de aula? Ele destrói uma classe, ele escreve, ele rasga, ele quebra, ele depreda a escola. Depois, ele quer exterminar as pessoas que estão ali dentro. Então, ele isola, ele rejeita. Isto acontece, justamente, com o jovem, aquele que não está acostumado a ser amado”.*

Para a professora da **E5(particular)**, a situação foi vista de forma diferente: *“nós tivemos, assim, no início do ano, a gurizada, riscando na parede, utilizando-se, também, da cola... Aí, nos foi aconselhado a mudar o sistema de avaliação, menos tradicional e isto começou a diminuir”.*

Os alunos entrevistados entendem que as coisas melhoraram na escola, mas confirmam que continuam sendo praticados muitos atos de vandalismo.

Na **E1(municipal)**, a aluna contou: *“Melhorou bastante, mas ainda tem aqueles que sempre fazem aquela bagunça, não querem nada com nada”.*

O aluno da **E3(estadual)** viu a questão dessa forma: *“pelo que eu vejo tem pessoas que fazem isso. Que agredem o patrimônio, que fazem e acontecem. Mas as pessoas que eu ando, particularmente, não provocam esta violência”.*

Outro, da **E4(estadual)**, diz que: *“a maioria pratica até mesmo algumas gurias. Às vezes, perguntam-me em que escola eu estudo e eu digo. Ai eles respondem: mas naquele colégio só tem louco, só tem vândalos”.*

Na **E5(particular)** há mais consciência por parte dos alunos: *“Até alguns rabiscos de banheiros não existem. Como somos todos adultos, sabemos bem como tem que ser”.*

Quando FUKUI (1991, p. 71) identificou problemas semelhantes nas escolas paulistas, afirmou:

... as depredações também compreendem ações de outra natureza, como quebra de louças de instalações sanitárias, furto de torneiras, lâmpadas e até mesmo de portas e divisórias.... nas escolas alguns dos pontos mais vulneráveis à depredação costumam ser os muros - principalmente quando estão em estado precário - e a iluminação dos pátios, corredores e áreas de recreação.

TAVARES (1999, p. 30), em “Violência na Escola”, mostrou que esses atos de vandalismos são freqüentes: *“As formas de violência contra o patrimônio mais freqüentes no universo estudado são, em primeiro lugar, os atos de depredação de muros, janelas, paredes, de salas de aula e de destruição de equipamentos, tais como livros, equipamentos audiovisuais, ou de bens pessoais, em particular os automóveis dos professores”.*

Nas escolas pesquisadas, em Uruguaiana, o item: atos de vandalismo por agentes internos obteve de onze respostas entre os dezessete entrevistados. Falaram sobre o tema três diretores, quatro professores e quatro alunos. Não opinaram, a Secretária e a Delegada de Educação.

5.1.4 Atos de vandalismo por agentes externos

A última pergunta do primeiro tópico, deste trabalho, objetivou saber se nas escolas pesquisadas havia problemas com atos de vandalismo por agentes externos.

5.1. Violência ao Patrimônio	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.1.4 Atos de vandalismo por agentes externos	1	2	1	1/0	5

A Diretora da **E1(municipal)** disse que, em tempos passados, pessoas que não eram da escola provocavam muitas agressões: *“Nós colocamos portas*

que foram arrancadas. Vasos e pias que foram destruídos e janelas arrancadas”.

Para os professores, há uma consequência direta que resulta do fato do aluno, da família e da comunidade não amarem a escola. Grupos de jovens ou pessoas isoladas atentam contra a Instituição. Eles não vêm aquele patrimônio como sendo seu. Dois professores observam este fato. Afirmou o professor da **E1(municipal)**.

A respeito da violência externa da escola, vidros quebrados, cerca quebrada, colégio destruído, patrimônio não amado pelas crianças, pela família, pela comunidade. Eles fazem o cinturão da escola e eu acho, que também são responsáveis pela escola. A quadra de esportes estragada, tudo isto, são atos violentos. Por isto, entendo que erguendo a casa, acaba-se com a violência externa.

Para o professor da **E1**:

O que aconteceu, além desta violência psíquica, que eu considero e acho extremamente grave e já relatei, o que acontece é que nós tivemos dois ou três assaltos registrados, de gente de fora, na esquina da escola, até mesmo, gente portando arma. Grupo de cinco ou seis rapazes, que tomaram os livros do aluno e da aluna, levaram tênis, esse tipo de violência.

Ano passado, tínhamos casos de alunos que estragavam as classes, quebravam a pontinha da classe, cortavam com a gilete, tiravam os pedaços ou cortavam as cadeiras. Aí, começamos a fazer uma campanha no sentido de cuidar melhor nosso material.

Apenas um aluno entrevistado falou sobre o vandalismo praticado por agente externo. Ele mencionou que foram atos praticados em anos anteriores, na **E1**: “*nos últimos anos, mesmo, havia bastante.*” Atualmente, dizem todos: *está normalizado.*

A Secretária Municipal de Educação, de Uruguaiana, relatou experiências vividas no Município, afirmando que é preciso guardar bem a escola para evitar os atos de vandalismo externo: “*Entendo que é preciso*

colocar alarme e guarda. No entanto, também, é preciso conscientizar e trazer os pais para a escola. Quando isto acontece eles, às vezes, marginais, até auxiliam na recuperação dos objetos furtados, devolvendo-os à escola”.

Prosseguiu, narrando um fato:

Agora, questão de 15 dias, uma Creche nossa foi arrombada, a diretora procurou o pai que também é marginal, pai do assaltante e o próprio pai foi buscar junto ao filho o roubo e devolvendo o objeto para a creche.

Isso é inédito, porque? Porque o pai já tem a consciência de que se ele tirar dali um espremedor de frutas, as crianças não vão conseguir tomar suco natural. Então, este material que eles estão tirando, é do filho deles, da comunidade deles, de dentro da escola que é dele. Assim, nós estamos revertendo este quadro.

Nós registramos, neste início de ano, entre janeiro e março, cinco arrombamentos. É a violência externa. Porém, descobrimos que esta violência externa tinha a participação de um ex-aluno. Eles arrombavam, justamente, locais aonde havia algum produto para eles comercializarem.

Para os atos de vandalismo, por agentes externos, resultaram cinco respostas: 1 diretora, 2 professores, 1 aluno e a Secretária de Educação. Foi o segundo maior número de respostas, neste item.

Nesse Quadro, que tratou da Violência ao patrimônio, os **atos de vandalismo por agentes internos** foi identificado como fato que ocorre na escola, pela maioria dos entrevistados: três diretores, quatro professores e quatro alunos.

Assim, onze dos dezessete entrevistados responderam dizendo que este é um fato muito presente na vida da escola.

As respostas, na maioria das vezes, são convergentes, como podemos observar na afirmação da professora da **E3(estadual)**: “*Os alunos fazem horrores*”; “*eles abusam da liberdade que têm na escola*”; “*extravasam toda a violência que trazem de suas casas*” ou “*O aluno quebra, rasga, rejeita,*

destrói a escola”.

Não fogem dessa realidade as “gurias” que também praticam atos de vandalismo contra o patrimônio escolar, disse o aluno da **E4 (estadual)**.

O mesmo aluno disse que para quem está de fora, os alunos “*são vistos como uma turma de loucos, de vândalos*”.

“Um rabisco nas paredes dos banheiros, portar facas ou arrancar a maçaneta da porta,”

Afirmações como essas, resumem as ações no dia-a-dia da escola.

Uma das professoras - **E4(estadual)** - disse que “*isso é percebido no jovem que não se sente amado e descarrega contra o patrimônio*”.

Outra, da **E1(municipal)**, afirmou que “*a escola está contornando o problema porque obriga o aluno ou pai dele a recuperar o que foi estragado*”.

Na **E5(particular)**, verificamos que existe divergência nas respostas do diretor, do professor e do aluno. Para o primeiro, a escola é diferente: “São alunos maduros que trabalham durante o dia e que à noite querem estudar”. Para o segundo, há atos de vandalismo, sim: “*No início do ano, os alunos riscavam as paredes*”. O aluno concordou com o que falou o professor, portanto, admitiu que estes fatos ocorrem na escola.

Nos **atos de vandalismo, por agentes externos**, foram cinco respostas, entre os 17 entrevistados. As respostas foram de um diretor, dois professores, um aluno e a Secretária de Educação. Observamos, na resposta do diretor **E1(municipal)**, que ele se preocupou em mandar colocar portas que haviam sido arrancadas, durante ataques de agentes externos, à sua escola. Por sua vez, os professores afirmaram que as escolas tinham os vidros quebrados por pessoas

que não eram da escola e, além disto, grupos atacavam alunos e prédios. Mesmo que, no momento, tivesse diminuído a violência externa, a escola, para um dos alunos, sofreu nos últimos anos, com estas ações.

A Secretária de Educação contou que: *“de janeiro a março, deste ano, ocorreram cinco arrombamentos em escolas municipais. Em contrapartida, os pais estão mais conscientes e alguns objetos roubados foram trazidos de volta à escola, porque eles sabem que os mesmos fazem falta para o preparo da alimentação dos seus filhos”*.

O roubo por agentes internos e externos não apresentou respostas em números significativos. No primeiro, um Diretor e um Professor relataram fatos ocorridos nas suas escolas e, no segundo, um diretor afirma que nunca ocorreu roubo por agentes externos.

Os fatos ocorridos, nas escolas de Uruguaiana e registrados nesse quadro, pelos interlocutores, confirmam o pensamento de CODO (1999, p. 317) que observa esta realidade, afirmando: *“O vandalismo nas escolas constitui um ataque ao patrimônio público e isto por si é condenável”*.

Para PIVA E SAYAD (2000, p. 36), a escola sofre porque é parte da sociedade: *“A escola, como parte da sociedade, sofre os reflexos de uma realidade cuja tendência é a valorização das aparências, a supremacia do poder individual”*.

As notícias em jornais mostram que o problema é universal e uma preocupação social.

- **Escola fechada pela violência.** (Zero Hora, 9.5.1999, p. 50).
- **Medo transforma as salas de aula.** (Zero Hora, 16.5.1999, p. 44)

No mês de junho, de 2000, a Rede GAÚCHA SAT apresentou uma série de programetes sobre a violência na escola, em Porto Alegre. Os fatos mostraram a frequência do problema na capital do Estado.

Uma Diretora, agredida por um aluno, imobilizada, começou a gritar. Teve o carro arrombado no pátio da escola. Os ladrões arrebentaram os vidros do automóvel e levaram o rádio/CD: *“Minha primeira reação foi de espanto. A segunda, foi pensar em minha casa, porque eu poderia encontrar um assaltante no meu carro. Então, a minha reação era pegar as minhas coisas e ir embora para a minha casa. Lá me sentiria mais segura”*.

Outros dois professores, da mesma escola, tiveram os seus carros arrombados, no mesmo pátio, num período de trinta dias: *“Achávamos que as escolas eles ainda estavam respeitando, mas chegamos à conclusão de que, agora, eles não respeitam mais nada”*.

O primeiro sinal de que as preocupações, de parte dos pais e professores, podem representar um perigo real para as crianças surgiram com a suspensão das aulas pelo motivo, arrombamento. Os ladrões levaram um vídeo cassete, telefone, fax e um computador. A diretora disse que já esperava o ataque: *“menos mal que ele aconteceu à noite... infelizmente, nós ficamos sem o guarda escolar. Ela fica totalmente sozinha, durante o dia e à noite”*.

Esse tem sido o universo que ronda as escolas públicas. É difícil encontrar uma, que não tenha uma história para contar.

“As escolas são invadidas por assaltantes e as salas de aula, destinadas a ensinar, passam a esconder vítimas da insegurança. Tranquei meus alunos dentro da sala de aula. Mesmo, assim, eles pularam contra a porta, com toda a força, quase quebrando-a” (GAÚCHA / SAT, jun./2000).

5.2 AGRESSÕES INTERPESSOAIS

As agressões interpessoais foram destacadas pelos entrevistados de todas as escolas pesquisadas em Uruguaiana e aparecem como práticas comuns nos três itens que constituem este tópico.

A pesquisa mostrou que existe esse tipo de agressão entre os alunos, a professores e brigas entre grupos internos e externos do bairro ou de outras escolas. Estes grupos não se caracterizam como gangues. São grupos que se formam, principalmente, na saída das aulas, próximo à escola.

Quadro nº 03 - Frequência das respostas para as agressões inter-pessoais

5.2 Agressões interpessoais	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.2.1 Agressões entre alunos	2	4	3	0/1	10
5.2.2 Agressões a professores	2	2	2	0/1	7
5.2.3 Brigas entre grupos internos e externos	2	1	1	1/0	5

5.2.1 Agressões entre alunos

As agressões entre alunos são manifestações de violência social que se mostraram bem amplas no interior da escola. A seqüência de depoimentos evidenciou esta realidade, reconhecida por diretores, professores, alunos e Delegada de Educação.

5.2 Agressões interpessoais	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.2.1 Agressões entre alunos	2	4	3	0/1	10

Perguntamos se havia muitas brigas entre alunos na escola. O Diretor da **E3(estadual)** afirmou: *“Há, sim. Há muitas brigas. Há atos de vandalismo*

entre eles, não é? Coisa da própria adolescência, mesmo”.

O Diretor da **E4(estadual)**, disse: *“Ocorre uma pré-disposição, ou do aluno, ou do professor de ser uma forma mais agressiva, ou não, não é, dependendo das situações”.*

Essas declarações mostraram a existência dessas agressões provocadas por situações diferenciadas.

Assim, de acordo como as coisas acontecem na escola, as agressões são registradas com maior ou menor intensidade.

Durante as entrevistas com os diretores, notamos que aqueles que se dispuseram, sem rodeios, a responder, reconheceram que sempre existe o perigo da conflagração entre os alunos. *“É como se fosse um estopim ... pronto a estourar”.*

Os outros diretores, contudo, preferiram creditar essas agressões a atitudes próprias da adolescência.

Os professores responderam à mesma pergunta. Disseram que a comunidade escolar sentia essa agressividade que, geralmente, é provocada pela falta de uma melhor inter-relação.

“Eles parecem estar sem limites. Se um colega pede um material, o aluno não alcança, mas joga com toda a força”, disse a professora da **E1 (municipal)**.

E continuou: *“um material jogado pode machucar o outro e aí começa o conflito. Assim, meninos e meninas demonstram, na escola, esta agressividade. Você nota isto, facilmente”.*

Verificamos muitas formas de agressões, especialmente, as verbais. De

repente, um chama o outro pelo apelido, demonstrando que, realmente, ele quer machucar, chocar. Talvez, isto indique um instinto de auto-defesa. Para evitar que o colega o agrida, antes ele agride. Desta forma, se a escola tem regras muito rígidas, quando não existe uma abertura, ele se julga com o direito de ter esta agressividade.

O aluno fica agitado, partindo para a agressividade das palavras, pelos gritos e pelos gestos.

As respostas agrupadas, em continuação, indicam o que pensam os professores sobre o tema:

“A agressividade é muito grande. Eles são agressivos. As meninas também”. Esta resposta foi de um professor municipal, identificado como da **E2(municipal)**.

“... quando não há esta abertura, então, eles se apresentam um pouco mais agressivos. Mas uma agressividade controlável, ainda, embora a gente não tire a razão deles”. Professor da **E3(estadual)**.

Perguntamos para o professor que trabalha na **E5(particular)** sobre as agressões verbais. Será que elas são provocadas pelo “stress” diário ou por problemas na família? Se isso acontecia dentro da sala de aula.

Nós temos, assim, o caso do terceiro ano que é uma turma que está saindo. Eles estão numa fase, extremamente, agitada porque estão há poucos dias da formatura e como toda a turma que se organiza para uma formatura, eles não se entendem, no final. A gente verifica, assim, excessos, como falar alto, gritar, esta violência verbal. Há, também, um conflito entre alunos do diurno com os alunos do noturno. Eles não gostam de promoções conjuntas. Se espalha a idéia de que os alunos do noturno são marginais, e isto não é verdade, mas cria um clima de hostilidade.

A **E3(estadual)** possui mais de 2 mil alunos matriculados. O professor,

com quem conversamos, contou como ele via a violência: *“a violência dentro da sala de aula se manifesta com agressões verbais, com apelidos que é uma coisa com que eles fazem questão de se chocar, de se machucar, até como uma forma de se defender do próprio colega, para evitar que o próprio colega o machuque, ele machuca antes”*.

Na **E1(municipal)**, o professor concordou que essas agressões são observadas, mais ou menos, da mesma forma. A seqüência de depoimentos deste professor, que trabalha numa escola da periferia, com mais de mil alunos matriculados, confirma esse sentimento:

“Todos estão sentindo isso. É essa agressividade do aluno, provocada por essa falta de inter-relação. Desta falta de empatia dos professores com o aluno, desta contra-transferência, porque se eu não estou bem, o meu aluno percebe, ele sente isto e se eu sou agressiva com meu aluno, ele vai me dar uma resposta agressiva, também. Nós, da escola, queremos que o aluno se comporte. Eles estão sem limite. Mas não é só o sem limite. Aí entra a violência. Este ato de correr risco de vida. A agressão gera a violência. O aluno não te alcança o material, ele te atira o material. Se o material machuca alguém, é uma violência”.

Os alunos, centro desse tópico, foram entrevistados sobre essas agressões. Nas respostas de três alunos entrevistados, verificamos o trabalho que as direções e os professores realizam para diminuí-las.

Disseram que, antes, não dava para andar nos corredores, porque era uma correria só, trombadas, empurrões, agressividade pura: *“Ah! Antigamente não dava para andar nos corredores porque davam empurrão, alguma coisa assim. Ultimamente, a escola tem melhorado. Vai muito do aluno. Se cada um fizer sua parte, acho que a escola vai para a frente e diminui a violência”*.

Sobre bagunça e desrespeito: *“Ah! um horror, era uma bagunça total. Todos os dias havia briga de alunos e uma discussão. Os alunos não respeitavam os professores, agora tá bem melhor”*.

As intrigas como forma de violência: *“É muito difícil, mas acontece, tem sempre aquelas que gostam de andar, sempre, fazendo intriga”*. Depoimentos do aluno pesquisado na **E1(municipal)**.

Para o aluno da **E2(municipal)**, a violência foi identificada, assim: *“Eles não são muito brigões. Sempre que isto ocorre, os professores conversam com eles, orientam sobre a questão das brigas, as conseqüências que isto pode causar”*.

O aluno reconheceu que ocorre violência verbal. Há um desrespeito pelo outro e isto cria um clima complicado: *“A gente se reúne. Às vezes, dá uma discussão, como em tudo que é escola. Mas não é coisa de sempre estarem brigando, não”*.

Concluiu seu depoimento, dizendo: *“De modo geral, as relações são boas, embora, às vezes, aconteça alguma discussão, aluno que não quer trabalhar, o professor que chama a atenção. Ai dá uma briga, discussão. Mas não é coisa muito tensa”*.

Outros entendem que não resolve nada esse clima, essa exaltação toda. O aluno precisa colocar-se no seu lugar, disse o aluno da **E3(estadual)**: *“Não muita violência. Mas eu acho que certos assuntos, como no caso de notas, um aluno pode se exaltar com o professor e gerar um pouco de conflito verbal. Mas não há agressão física, estas coisas assim. O aluno tem que se pôr no lugar dele, assim como o professor. Sempre tem a violência verbal”*.

Os meninos são muito brigões, afirmaram alguns dos entrevistados. Não resolve o professor orientar sobre as conseqüências que essas agressões podem causar.

Eles têm muita agressividade, principalmente, verbais. Essa violência

ocorre, tanto entre os meninos, quanto entre as meninas.

A Delegada de Educação alertou que:

Quando a gente vê um aluno, batendo num outro colega, tanta ânsia, o que ele está descarregando, ali? Um professor agredindo, pedindo para calar a boca, para não falar, isto é uma forma de violência. Tem que abrir para a fala. Como eu consigo lidar com as diferentes falas e com as diferentes manifestações. Me parece que passam por aí os desafios da escola, que ela tem que resistir, sim, porque ela tem um grande papel social.

Concluindo este tópico, nas escolas pesquisadas, em Uruguaiana, observamos o que pesquisou CASTRO (1998, p. 12) sobre as agressões entre alunos:

O problema de disciplina dos alunos na sala de aula e a forma de lidar com ele são das maiores fontes de debate e busca dentro da escola. No nosso primeiro contato com a escola Alfa, estes temas foram mencionados e se fizeram presentes. Na reunião com os professores foi muito discutido o problema disciplina dos alunos e o papel que cada setor da escola deveria assumir em relação a questão.

CASTRO continua, falando de outra preocupação: “... um aluno pede pra a diretora que o guarda da escola o acompanhe até em casa, pois tem medo do grupo de alunos que o está ameaçando com uma surra. Este exemplo mostra que, no ambiente da escola Alfa, a violência está presente no cotidiano da escola”.

As notícias dos jornais, também, destacam as agressões entre alunos: “Apesar da ampla divulgação e das campanhas de conscientização desenvolvidas pelas autoridades das áreas de segurança pública, continuam acontecendo brigas e agressões, envolvendo alunos de escolas públicas (Jornal Cidade, 2000, p. 16).

5.2.2 Agressões a professores

Os professores enfrentam muitos problemas por causa da violência. As agressões praticadas contra eles ocorrem de muitas formas, como ficou destacado nas entrevistas realizadas.

5.2 Agressões interpessoais	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.2.2 Agressões a professores	2	2	2	0/1	7

O Diretor da **E4(estadual)** disse:

Agora mesmo, quando o senhor chegou, eu estava ouvindo uma professora. Um aluno havia dito para a professora um nome horrroso... daqueles cabeludos. Existe muita agressão do aluno com o professor. Isto, sim. A revolta contra uma avaliação diferente da que ele espera; um pedido para executar uma tarefa; chamar a atenção ... tudo pode ser motivo para detonar a agressão que está ali, dentro do aluno. Ele reage muito facilmente a estes momentos. E reage de forma muito agressiva. Diz o que bem entende. A professora fica apavorada.

A agressão ao professor existe, sim, e ela se manifesta de várias formas, afirmou o Diretor da **E3(estadual)**: “principalmente, de forma verbal e ameaçadora”.

O professor, muitas vezes, transfere para o aluno seu estado de espírito. Passa a ser agressivo e sua resposta é proporcional à agressividade do aluno. Há limites que não são observados pelo professor.

Um dos entrevistados, professor na **E1 (municipal)**, afirmava:

Se o professor demonstra estar com raiva, fica vermelho, o aluno vai perceber logo. Então, a gente perde o controle da sala de aula. O aluno, mesmo que seja criança e não saiba se expressar, sente isto. Alguns até chegam a conversar com a gente sobre o problema que estão enfrentando com o professor que agride e é agredido.

Disse que os próprios alunos contaram para ela alguns acontecimentos:

Então, eles relataram que uma professora perdeu o controle, porque, às vezes, a gente perde o controle, e ficou tão vermelha que eles se assustaram, de tanta raiva que ela estava. Ela perdeu o controle na sala de aula. Este tipo de coisa eles sentem, eles não conseguem te dizer, te relatar como adultos, porque a criança não se expressa como um adulto, ela se expressa em atitudes. As atitudes violentas das crianças conosco.

O professor da **E5(particular)** falou da agressividade que se manifesta na relação entre os alunos e a família, que está na direção da escola, porque eles não aceitam algumas regras estabelecidas:

Este ano a gente teve apenas um problema de discussão que foi um envolvimento com relação aos funcionários, familiares do diretor e os professores que não aceitaram algumas regras. Existem muitos parentes, trabalhando aqui e o problema foi familiar. Há uma pré-disposição ou do aluno com o professor, dependendo das situações, não é?

Entre os alunos entrevistados, dois falaram sobre as agressões a professores e disseram que elas ocorrem sempre verbalmente. Eles não admitiram a existência de violência física. Afirmaram que o agente motivador, normalmente, são as notas.

A aluna entrevistada na **E3(estadual)** disse: “*Não há muita violência. Eu acho que, em certos assuntos, como notas, um aluno pode se exaltar com o professor e gerar um pouco de conflito verbal. Mas não de agressão física, estas coisas, assim. O aluno tem que se pôr em seu lugar. Depende do assunto que gera, mas sempre tem a violência verbal*”.

Por sua vez, o aluno pesquisado na **E2(municipal)** informou: “*Às vezes, o aluno não quer trabalhar, daí gera-se uma discussão e acaba em agressividade verbal*”. Por isto, para o mesmo aluno, não chega a existir um clima de tensão: “*De modo geral, a relação é boa, embora aconteça alguma*

discussão, pelo aluno que não quer trabalhar. O professor chama a atenção, aí dá uma briga, alguma coisa como discussão. Mas não é uma coisa muito tensa”.

A Delegada de Educação disse que:

É preciso saber que num olhar do professor ao aluno, do aluno para o aluno ou diretor para o professor é, também, um ato de violência. A questão das relações internas na escola, uma relação professor x aluno; aluno x professor; professor x professor, também, são momentos que a gente enxerga como situações bem preocupantes. São formas de violência. Algumas veladas e outras muito explícitas.

O fato narrado, envolvendo agressão e afeto, mostra a mesma realidade, observada em outras escolas do Brasil, conforme BALAZE & CHRISTIN (1977, p. 546):

Um professor da classe, no dia do Conselho desta classe, ele veio, estava doente. Trouxe um atestado médico. Ele chegou e disse: “não posso ficar no Conselho”, ele segurava seu atestado como uma desculpa, e isto me fez até mesmo passar mal, veja só, porque os professores, os garotos, os pais, ficam zangados com ele; se poderia quase dizer que era uma maneira de se livrar, ele chegou com um atestado médico, dizendo: “é uma turma terrível, a gente se mata de trabalhar! Por eles, a gente se mata à toa, eles são horríveis, são infernais, eu não agüento mais, não agüento mais.” E foi embora, uma mãe lhe disse: melhoras de saúde, professor, e o caso parou aí. Ele não consegue com os seus garotos, ele não consegue, ele gostaria de ser o professor que transmite um saber e ele parou nisto, ele é o professor, este é o seu papel e... E as coisas vão mal... é isto.

Ameaças e agressões a professores aparecem, constantemente, nos casos de violência na escola. TAVARES registrou um fato diferente daqueles narrados pelos interlocutores, em Uruguaiana.

Certa vez, uma professora, ao tentar tirar de dentro da escola um grupo de alunos que fumavam maconha com estranhos, teve seu carro destruído e foi ameaçada de aparecer ‘com a boca cheia de formigas’, outra ‘professora’ fez enfrentamento com aluno, segurando-o pelo braço, mas não pode sair com o carro, barrada na saída pelos alunos (1999, p. 33).

Fatos como esses acontecem em todo o mundo, tanto na escola pública quanto na particular, atemorizando professores. Por isto, a insegurança diante da violência está presente no ambiente escolar.

5.2.3 Brigas entre grupos internos e externos

As brigas entre alunos criam sérias dificuldades para a escola. O relato de um professor que veremos, neste tópico, mostrou que as brigas causam preocupação constante. Foi numa destas brigas que um dos alunos de uma escola pesquisada acabou assassinado.

5.2 Agressões interpessoais	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.2.3 Brigas entre grupos internos e externos	2	1	1	1/0	5

Os Diretores trataram das brigas entre grupos internos e externos como situações do cotidiano da escola.

Na **E1(municipal)**, o Diretor disse que existiam casos muito tristes de brigas entre os alunos. A escola registrou casos de alunos que foram espancados quase até à morte, por grupos que se formavam na vila e nas proximidades da escola. Era um inferno. Um desrespeito. Não havia tranquilidade e a gente sempre estava sob tensão, como relata: *“Tinha casos muito tristes, muito tristes mesmo. Alunos que foram agredidos até quase à morte”*.

Para o Diretor da **E3(estadual)**, os casos registrados foram esporádicos e não tão graves. Restringiram-se às agressões verbais: *“São casos esporádicos e, de repente, não tão graves, não é? Às vezes, talvez, uma violência mais verbal do que uma violência física”*.

Entre os professores, um falou sobre essas agressões: *“É. Nas saídas*

dos períodos, tanto no quarto como no quinto, era uma preocupação minha, dos professores, da Direção da escola, encontrar alternativas para resolver o problema dos grupos que se formavam nas esquinas, dizendo para eles irem direto para casa. Eles levam isto para fora da escola. Por isto, nós procuramos trabalhar, conversar”. Professor da **E2 (municipal)**.

Como se observa, os alunos formam grupos nas esquinas da Escola e provocam enfrentamentos. Esta escola, há pouco tempo, registrou uma briga entre grupos diferentes que resultou, de um tiro, na morte de um aluno.

Pela formação desses grupos, disse o professor:

Enfrentamos alguns problemas. Mesmo que toda a comunidade escolar esteja mobilizada para a superação deste fato, ainda estamos muito preocupados.

Realizamos um trabalho desde as séries iniciais e isto leva muito tempo, até ser assimilado por todos. Orientamos o aluno para que ele saia da escola e vá direto para casa. Não fique nas ruas. Evite a formação de grupinhos.

Foi, numa ocasião destas, que ocorreu o homicídio de nosso aluno, em pleno meio dia. Estamos, agora, buscando alternativas e observamos aos poucos que as coisas estão melhorando.

Um aluno, da oitava série da **E4(estadual)**, falou sobre as agressões entre grupos internos e externos. Afirmou que o problema existe porque vem gente de outras escolas e de outros lugares da cidade para brigar com os alunos da sua escola. Eles são instigados, não resistem e começam as brigas.

Assim, os alunos se envolvem em coisas que não são da escola e, segundo ele, acabam levando a fama de brigões: “às vezes, vêm alunos de outras escolas para brigar com os daqui. Geralmente, os alunos de nossa escola não têm nada a ver. Eles é que vêm da escola deles para “inticar” com os nossos colegas. No fim, os daqui da nossa escola acabam levando o que não tem nada a ver. Eles não ficam quietos e aí dá briga”.

A Secretária Municipal de Educação observou as agressões entre grupos internos e externos das escolas: *“Brigas internas entre alunos da escola e alunos de fora da escola, na faixa da adolescência. Nós não temos problemas nas séries iniciais. Os problemas iniciam, a partir da 5ª série”*.

FUKUI destaca, em suas pesquisas, que as agressões às pessoas são mais freqüentes do que as agressões ao patrimônio: *“um dado importante a ser destacado é o de que a agressão à pessoa é mais freqüente do que a depredação do patrimônio em toda a rede escolar, embora a capital apresente uma maior variedade de ocorrências do que a Grande São Paulo”* (1991, p. 70).

Para CODO (1999, p. 153), também essas agressões são mais freqüentes, porém, nas escolas maiores: *“do mesmo modo que acontece com as ocorrências de roubo e/ou vandalismo, as agressões a alunos e professores, em geral, são mais freqüentes nas escolas de maior tamanho”*.

Na sua pesquisa, realizada em escolas de Porto Alegre, CASTRO (1995, p. 67) afirma que uma das conseqüências desse problema disciplinar e social torna o trabalho do professor difícil: *“um trabalho muito difícil para o professor, fica sem prazer, imagina o que é uma escola assim sem prazer, então é só aquela coisa rui... aquela coisa bíblica (de que o trabalho deve ser sofrimento), suprimindo”*.

Essa violência está impregnada em todos os cantos e acontece a qualquer um e em todo o lugar, como KHEL (2000, p. 39):

A violência sempre existiu. A gente tem que perceber que a sociedade contemporânea, de vinte anos para cá, está produzindo uma nova forma de violência, que é essa reação das pessoas a qualquer forma de limitação de seus desejos e vontades. Não é a violência de lutas de classe, do racismo, da opressão, do forte sobre o mais fraco. Essa nova violência pode partir de qualquer um e contra qualquer um.

Em Uruguaiana, podemos observar que as agressões entre alunos e professores, e as brigas entre grupos internos e externos destacam-se nas escolas pesquisadas.

Como característica, neste item, constatamos a violência mais ligada às agressões verbais.

Pode-se registrar que, o tópico com maior frequência de respostas é o relacionado às agressões entre alunos. Observamos que dois diretores, quatro professores, três alunos e a Delegada de Educação, totalizando 10 dos 17 interlocutores, apresentaram consideração deste teor.

As agressões a professores é destacada por dois Diretores, dois professores, dois alunos e a Delegada, num total de 7 respostas entre os 17 entrevistados.

As brigas entre grupos internos e externos obteve resposta de dois Diretores, um professor, um aluno, e da Secretária de Educação, com cinco interlocutores, respondendo entre os 17 entrevistados.

Observa-se que em algumas escolas pesquisadas, as relações estão fragilizadas. São atos de violência reais, apesar do esforço da escola para afastar estes problemas.

5.3 DROGAS/ARMAS

Um dos problemas, presente na escola e que aparece vinculado à violência, é o da droga. Os jovens ligados à droga apresentam, muitas vezes, um comportamento anti-social.

A droga não é exclusividade de pobres ou delinquentes, mas tem entre seus consumidores pessoas bem vestidas, bem falantes e que representam todas

as classes sociais. Daí a explicação para esta droga transitar em todos os locais e com certa facilidade.

Todavia, muitos pais, diretores e professores não conseguem auxiliar no combate à droga, porque não conseguem distinguir quem é, ou não, seu usuário. Resulta que outros itens, ligados a este tipo de violência, ocorrem na escola, algumas vezes, na sala de aula, e todos ficam impotentes para encontrar a solução. Os depoimentos obtidos mostraram como muitos professores estão despreparados. Este desconhecimento deixa o professor, que exagera nos seus conceitos sobre a droga, desmoralizado diante do jovem que já experimentou maconha, crack, entre outras... não ficou maluco, não matou ninguém e está ouvindo uma história bem diferente da experiência vivida.

O Quadro nº 4 mostra a frequência de respostas para as questões sobre Drogas/Armas

Quadro 4 - Frequência de respostas para as questões sobre Drogas/Armas

5.3 DROGAS/ARMAS	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.3.1 Uso de droga na escola	4	3	3	1/1	12
5.3.2 Comercialização de droga na escola	1	2	0	0	3
5.3.3 Vinculação aluno/ tráfico externo	1	2	0	0	3
5.3.4 Porte de arma no interior da escola	3	1	0	0	4
5.3.5 Problemas com Gangues	3	2	1	1/0	7

5.3.1 Uso de droga na escola

Nem todos os diretores admitiram a existência do problema com droga em sua escola, mas, de alguma forma, demonstram que tentam superá-lo.

5.3 DROGAS/ARMAS	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.3.1 Uso de droga na escola	4	3	3	1/1	12

Quando conversamos com o Diretor da **E4 (estadual)**, ouvimos:

A gente não vê claramente, mas nota pela reação do aluno em sala de aula. Olha, a gente observa... Não sabe... Não tem bem conhecimento de qual é o efeito da droga. Fica difícil para a gente saber se o aluno está ou não drogado. Mas a gente nota que a atitude é tão fora do normal que só pode ter alguma coisa ali que influencia a ele se comportar daquele jeito.

Um outro Diretor, da **E2 (municipal)**, foi um pouco além: “*Sim. Nós não podemos fechar os olhos e dizer que nós não temos este problema dentro da escola. Ele é muito sério e nos preocupa sobremaneira*”.

Quando perguntamos ao Diretor da **E1 (municipal)**, se na sua escola os alunos usavam droga... puxavam fumo, ele disse: “*não enfrento esta questão*”. Mas, ao mesmo tempo, afirmou “*estou muito atento para o problema e que sempre está fiscalizando, `aproximando-se dos banheiros, dos grupinhos*”.

Parece um indicador de que há alunos dessa escola envolvidos com drogas, mesmo que não seja admitido pela Direção. Na **E3 (estadual)**, o Diretor comentou que se ressentia da falta de pessoal com conhecimento, nestes casos de uso de droga, pelos alunos:

Como nós não temos pessoal na escola, até mesmo com dificuldades de orientadores, supervisores e pessoal especializado no tratamento de alunos que consomem ou que usam drogas, nós tentamos colocar no bar pessoas que a gente conhece e que tem formação, não é, com drogas e que participam de grupos da comunidade, como o grupo Amor Exigente, especializado em apoio a drogados.

Na **E5 (particular)**, a questão foi enfocada de outra forma. A negação quanto ao uso de droga na escola foi taxativa, mas não excluiu a possibilidade

de que fatos desta natureza ocorram em setores próximos do colégio: “*Não, nós não temos nada disso ainda. Se há, não é na frente da nossa escola. Realmente, não há*”.

Os professores demonstraram estar mais preparados. Também verificamos algumas coincidências entre as respostas dos professores e dos Diretores.

Os Diretores, que admitiram estar preocupados com o uso de droga na escola, foram acompanhados nas respostas dos seus professores.

Como destacou o professor da **E2 (municipal)**: “*A gente observa, até pela experiência, pelos sintomas*”.

Outro professor, **E4 (estadual)**, comentou:

Eu já ouvi conversar, porque na nossa época a gente, quando era jovem, não conhecia droga. Então dificilmente a gente pode observar um aluno drogado. A gente nota, às vezes, reações diferentes. Mas como os jovens têm esta mania de cada dia apresentar um comportamento diferente, então, a gente dificilmente pode identificar se estão drogados ou não.

Os mais experientes responderam, com observações detalhadas de como acontecem essas violências na escola. Isto observamos na fala do professor da **E3 (estadual)**: “*Olha, nós professores conseguimos detectar o problema do jovem que está envolvido com drogas, dentro da sala de aula. Existe, sim, o problema da droga. Tivemos casos, dentro da escola, com um menino*”.

Os alunos evitaram respostas mais diretas para a pergunta sobre o uso de drogas na escola. Não falaram muito sobre o fato. Tentaram simplificar... Citaram exemplos ocorridos fora de suas escolas. Estas experiências estão nas entrevistas, das quais destacamos os trechos seguintes:

Foram três alunos que falaram sobre drogas. Na **E3 (estadual)**, ouvimos este depoimento: *“Bom, eu aqui na escola, nunca vi. Mas fora da escola, em outras escolas, eu até tenho amigos que usam. São viciados. Eu, particularmente, ajudei muitas pessoas, também, não a sair, mas a combater um pouco o vício”*.

Conversando com o aluno da **E1(municipal)**, ele disse: *“acho que, assim, na escola, graças a Deus, não tem, mas, se tiver, acho que o aluno tem que ir pela sua cabeça, pela educação que os pais dão. Isto é uma coisa de quem não tem o que fazer, não traz benefício nenhum, só prejudica”*.

Quando questionamos o aluno da **E4 (estadual)** se ele ouvia comentários sobre o uso de drogas na escola, se seu colega vinha drogado ou se na frente da escola havia portador de drogas, a resposta foi: *“É, aqui dentro da escola têm alguns alunos que usam. Mas eles não aparentam nada”*.

Então, vocês notam pelo comportamento? *“Sim, pelo comportamento. E, algumas vezes, só. Ele não quer nada com nada. Só fala bobagem, não fica em si. Fica muito descontraído”*.

A Secretária e a Delegada de Educação divergiram quando falaram sobre drogas nas escolas. A primeira entende que existem casos esporádicos, a segunda é taxativa, ao afirmar que eles são muito visíveis.

Para a Secretária, a situação em Uruguaiana é esta, diz: *“Nós temos até algumas incidências de casos esporádicos de uso de drogas, mais em nível de maconha, o cigarrinho, que eles chamam. Mas é muito esporádico, porque existe um controle muito grande”*.

A Delegada viu o problema de outra forma: *“Eles são visíveis. Se a gente pegar a questão da droga, por exemplo, eu tenho a firme concepção de que ela é uma decorrência e a gente tem que ver em que contexto se dá o uso da*

droga”.

A respeito do tema, afirma DIAS (1998, p. 31):

Muitos pais e professores, porém não conseguem ajudar a combater o consumo e o tráfico de drogas porque são mal-informados. Como a ignorância é prima do medo, quando se deparam com o problema, ficam apavorados e reagem com destemperada repressão. Porque é difícil aceitar a face mais perversa da questão: a de que “droga é gostosa e dá barato.

Também, LEMOS (1997, p. 38), ao se referir à droga diz: *“O papel do educador, neste contexto, é o de não assumir o destino destas crianças, mas o de mediar os seus desejos, fornecendo elementos que tenham propriedade para modificar o processo de vida deles, sem nunca tentar resolvê-los”.*

Muitos pesquisadores têm trabalhado sobre a questão das drogas na escola. Algumas destas pesquisas, como observamos, apresentaram resultados semelhantes à pesquisa nas escolas, em Uruguaiiana

5.3.2 Comercialização de drogas na escola

A presença do traficante, que comercializa droga, é um fato real nas escolas pesquisadas, em Uruguaiiana. Ela acontece, como em outras localidades, confirmando pesquisas já realizadas. Mesmo que nem todos os entrevistados quisessem falar sobre o tema, aqueles que concordaram com a existência do problema fizeram de uma forma muito clara, confirmando: na escola há comercialização de droga.

Os que não admitiram o consumo de droga, permanecendo numa posição mais defensiva, retomaram a idéia de que estão muito atentos a todos os detalhes que envolvam esta questão.

5.3 DROGAS/ARMAS	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.3.2 Comercialização de droga na escola	1	2	0	0	3

O mesmo Diretor da **E1 (municipal)**, que respondeu que não tinha problema com drogas em sua escola e que estava sempre atento a qualquer detalhe, foi o único a falar sobre comercialização de droga no recinto da escola: *“quando eu desconfio que tem alguma pessoa estranha, que fico um pouco, assim, desconfiado, claro, eu chamo a polícia, eu chamo, até para garantir”*.

Os professores disseram como eles percebem essa presença do traficante, daquele que comercializa droga na escola ou em suas proximidades. Começamos pelos depoimentos do professor da **E2 municipal**): *“Tu sabes que o traficante, aquele que repassa a droga, ele vem para a frente da escola. Então, não adianta pegar um policial e colocar em cada esquina. Tem é que conscientizar o aluno”*.

Na **E3 (estadual)**, o professor deu esse depoimento: *“Ah! Existe, sim. Principalmente, o problema da droga. Tivemos casos com os traficantes, dentro da escola, querendo passar a droga para um aluno”*.

Mesmo com nossa insistência, nem os alunos, nem a Secretária e a Delegada, quiseram se manifestarem nesse tópico.

Sobre comercialização de droga na escola, TAVARES (1999, p. 34) realça:

Freqüentemente, o uso de droga se localiza próximo à escola, em alguma praça, nas imediações, mas também dentro do espaço escolar; algumas vezes, os alunos, durante as aulas, saem da sala para comprar drogas. Provocam-se crescentes fraturas nas instituições socializadoras, tais como a família e a escola, e um estímulo a condutas desviantes ou ao trabalho na criminalidade, em particular, no tráfico de drogas, o qual mais atinge o universo escolar.

5.3.3 Vinculação aluno / tráfico externo

Em nossa pesquisa, os dados colhidos mostraram que não há a pretensa vinculação do aluno ao tráfico externo de droga com índices significativos.

Durante as entrevistas, somente um Diretor admitiu a existência dessa situação em sua escola.

Ele afirmou que esse vínculo acaba trazendo problemas para dentro do colégio e faz uma observação interessante, relacionada com a localização da escola.

5.3 DROGAS/ARMAS	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.3.3 Vinculação aluno/ tráfico externo	1	2	0	0	3

A conversa mantida com o Diretor da **E4 (estadual)** foi, assim:

- O senhor vive o problema da droga que vem de fora, aqui, na escola?

”Sim. Isso afeta aqui, dentro.”

- E essa escola, pelo fato de estar localizada no centro da cidade, facilita mais a ação do traficante?

“Sim. Porque nossa escola, embora localizada no centro, tem clientela de vários bairros da periferia.”

Da mesma maneira, conversamos com os professores. Eles fizeram uma abordagem diferente. Na seqüência, frases de nossa fala com o professor da **E2 (municipal)**:

A luta contra a vinculação do aluno com o traficante é diária. Não pode haver momento de descuido. A proteção ao aluno deve ser sempre máxima. Só, assim, conseguimos diminuir, um pouco, a presença do passador.

... até os grupos que ficavam nas esquinas, próximos à escola, que a gente supõe que seja, a gente não tem como provar, pelas características de traficante ou de vendedor de drogas, pelo menos, até o momento, tem desaparecido, não tem vindo mais para cá.”

A intervenção do professor da **E3 (estadual)** foi a seguinte: “Então, ele aguarda na frente da escola. Às vezes, até dá uma surra. Bate. Faz e acontece para o menino se intimidar, porque ele já não pode buscar apoio na família, porque está fazendo uma coisa errada, escondida. Sabe que, no início, eles dão de graça, depois, o menino vai se acostumando, vai se viciando...”.

Quando falamos com os alunos, Secretária e Delegada, eles não quiseram relatar nada.

GUIMARÃES (1991, p. 86), sobre o tema diz que:

... um coordenador de turno de outro CIEP informou-nos que, para ascender no mundo do crime, é exigida a frequência à escola. O mesmo acontece nas escolas de samba e no jogo do bicho organizado. Podemos supor que a escola funciona, não só como instrumentalização dos membros dessas organizações, mas, também, como um “passaporte” para legitimá-los na sociedade”.

Talvez, por ser uma cidade de porte médio, afastada dos grandes centros, os alunos das escolas que pesquisamos, em Uruguaiana, ainda não tenham todo este envolvimento, que nas chamadas “grandes cidades”, funciona como “passaporte.”

5.3.4 Porte de arma no interior da escola

A pesquisa revelou que através de programas de conscientização, especialmente, para os alunos, foi possível diminuir o uso de armas no interior da escola.

5.3 DROGAS/ARMAS	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.3.4 Porte de arma no interior da escola	3	1	0	0	4

Dentre os nossos interlocutores, os Diretores falaram mais sobre essa realidade: *“Só com um trabalho que está sendo feito, há longo prazo e com a conscientização de todos, o problema diminuiu”*.

Esse depoimento é do Diretor da **E1 (municipal)**. Ele destacou que, graças, principalmente, ao trabalho dos professores de sua escola, o problema foi superado. *“Aqui, existiam alunos que portavam armas na sala de aula”*, complementou.

Os outros Diretores, que responderam à pergunta, disseram que não tinham esse tipo de problema, pelo menos, no interior de suas escolas.

Na **E4 (estadual)**, o diretor afirmou: *“aluno com arma dentro da escola, nem pensar”*.

Para o Diretor da **E5 (particular)**: *“Nunca tivemos, aqui, na escola, desde que chegamos, em 97. Nesta sede própria da escola, nunca tivemos nenhuma situação de termos alunos armados. Arma, dentro da escola, não!”*

Nas escolas pesquisadas, não é costume os alunos portarem armas. O professor da **E5**, único que respondeu nesse tópico, sintetizou sua informação assim:

Nós não tivemos nenhum caso do aluno vir armado. A maioria dos nossos alunos vêm a escola, ou de Kombi, ou de ônibus (caminham 4 quadras da parada de ônibus até aqui), e eles têm uma orientação para saírem em turmas, em grupos. Jamais saírem sozinhos. Nós não tivemos notícia do uso de armas, pelo menos que eu tenha conhecimento.

Em outros lugares, a realidade é diferente. No Rio de Janeiro, conforme GUIMARÃES (1991, p. 85): *“... muitos meninos entravam armados. Em uma batida feita pela direção, várias armas foram apreendidas. Este tipo de violência é característico, desta escola, e, mais de uma vez, ouvimos referências a*

ameaças de alunos a professores e à própria direção”.

5.3.5 Problemas com gangues

Contrariando a idéia de que as escolas devem funcionar em locais privilegiados, com amplos espaços, áreas de lazer, facilidade de acesso entre outros a presença de gangues nas escolas ou próximas a elas têm se tornado um pesadelo para direções, professores, alunos, pais e comunidade no seu todo.

5.3 DROGAS/ARMAS	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.3.5 Problemas com Gangues	3	2	1	1/0	7

Essas formações de jovens, provavelmente, são nefastas ao interesse comum. Os agentes de segurança não conseguem, não querem ou não têm instrumentos para repelir as ações, promovidas pelas gangues. Elas têm causado brigas e mortes de alunos, alguns vítimas inocentes. São uma busca de auto-afirmação e produzem conseqüências desastrosas, bem como destacou o diretor da **E4 (estadual)**:

Ai um grupinho entra em choque com outro. Alunos de outra escola que vem, aqui, na saída. Entendeu? Há rivalidade entre eles, ai fora, e que acaba trazendo problemas para dentro da nossa. O que mais acontece é na saída. Quando eles estão saindo e têm alunos de outras escolas, esperando a turminha ai fora.

O Diretor da **E2 (municipal)** destaca que já enfrentou muitos problemas com as gangues próximas a sua escola:

Nós temos alunos que fazem parte desses grupos de elementos que perturbam a comunidade e a sociedade. Há, na nossa escola, membros destas gangues... aqui em nossa escola, eu tenho um relacionamento e os meus professores, também, de respeito com estas gangues que ficam na frente da escola. Eu e meus professores conversamos com eles... não podemos negar, tivemos muitos momentos difíceis com eles. Momentos até de eles tentarem entrar na escola.

Para esses diretores, são os marginais e os baderneiros de outras áreas que provocam os problemas.

Na **E1 (municipal)**, o diretor disse que quando se registram estes fatos: *“a gente vai e conversa com eles. Se for necessário, se chama a polícia, mas são poucos os casos”*.

O item “ganguês”, também, foi tratado pelos professores. Ambos pertencentes à escola pública (municipal e estadual).

É uma preocupação nossa nas saídas dos últimos períodos, encontrar alternativas para resolver o problema com a formação de grupos nas esquinas. O aluno precisa sair da escola e ir para casa. Foi numa destas que acabou acontecendo a morte de um aluno, aqui, da escola. Eles ficaram embaixo de uma árvore, no campo ao lado da escola, aconteceu uma briga e o menino foi assassinado.

Esse depoimento foi dado pelo professor da **E2 (municipal)**.

O outro professor, da **E3 (estadual)**, destacou a dificuldade da desvinculação com as Ganguês, depois que o aluno começa a participar de uma delas: *“Ah, existe, sim. O aluno fica viciado e, depois, ele quer largar, mas a própria gangue não deixa”*.

Você sai ao meio-dia, bem na hora do fervero. Nesta hora, você assiste muitas brigas, aqui, na escola?

Assim, iniciamos a conversa com a aluna da **E4 (estadual)**, para sabermos sobre a ação das gangues. Sua resposta foi curta e rápida, demonstrando não querer falar sobre o assunto: *“Ah, sim. São brigas de gangues. E a gente fica nervosa”*.

Essa foi a única resposta entre os alunos pesquisados. A presença das gangues nas escolas, conforme destacaram diretores e professores, não foi muito comentada pelos alunos.

A Secretária de Educação do Município contou como as escolas municipais observam esse fato.

As gangues estão aí. São bem articuladas e fazem o enfrentamento entre si, buscando seus espaços, até mesmo dentro das próprias escolas, aonde podem conquistar novos integrantes que auxiliem nos seus objetivos, seja para manter o território, seja para organizar a venda de drogas. Isto ocorre, principalmente, porque os alunos, hoje, se organizam, a juventude se organiza em gangues. É a gangue x, a gangue y, e eles, os mais velhos, que não estão na escola, tentam exercer influência sobre os menores que estão na escola. Os membros destas gangues, também, têm, na escola, algumas namoradas, algumas pessoas com as quais mantêm um relacionamento amoroso e as meninas estão sendo envolvidas neste clima de violência, porque elas por serem namoradas do chefe da gangue tal, contra a namorada do chefe da gangue y, elas têm disputado espaço de liderança.

Acrescenta:

A formação de gangues é um fato que todos nós conhecemos, sabemos que existe e que elas atuam junto às escolas. A juventude se organiza em gangues. Eles se autodenominam a gangue x a gangue y. E mais, buscam exercer influência sobre os alunos, especialmente, sobre os menores, aqueles que estão nas primeiras séries. A influência é tão grande que as namoradas dos chefes, destas gangues, se transformam em braço deles, dentro da escola, e disputam lugar de destaque. Dizem que são a namorada do fulano e, se precisarem, apelam para a agressão, para atos violentos.

Situações como antes descritas, dimensionam a freqüência das gangues na escola e caracterizam mais essa forma de violência, também, nas escolas pesquisadas em Uruguaiana. TAVARES (1999, p. 38) trata do tema, destacando que: “A presença de gangues juvenis nas escolas tem sido associada à violência: gangues, circulando a escola, gangues, no período da noite, a violência de gangues juvenis, a formação de várias gangues na escola, gangues que assaltam os alunos na porta da escola, assaltos nas imediações da escola, envolvendo gangues”.

Relato de CASTRO (1998, p. 9), integrando sua pesquisa em escolas da

Capital, diz:

... em 1994, ocorreu outro tiroteio, mas, desta vez, sem assalto. Foi uma briga de gangue, era um conflito eterno na escola: de repente, aquele barulho estranho, que não é um barulho familiar, eu nunca estive tão perto de uma coisa assim. E eu olhei e disse: não estou acreditando no que vejo. Daí, passamos nas salas, para que todos se abaixassem, mas, para os alunos, era a coisa mais natural do mundo. Eles não queriam ficar abaixados, queriam sair, porque segundo o relato de uma mãe, quando ocorre um tiroteio na vila, eles saem para ver o que está acontecendo, se jogam em cima das coisas, pegam suas armas e, entende, não tem aquela coisa de proteção de vida.”

Em Bagé (RS), a Secretária Municipal de Educação afirmou, ao CORREIO DO POVO (4.11.00, p. 14) que: *“Caso a polícia não ponha fim a ameaça, feita por uma Gangue contra a integridade física dos próprios alunos e professores, a escola Darci Azambuja, poderá ficar sem aula nos próximos dias”*.

A pesquisa mostrou a realidade de Uruguaiana, em relação ao uso de Droga/Arma, na escola.

Dos 17 entrevistados sobre o tema, 12 destacaram que ocorre o uso de droga nas escolas e admitiram que este é um assunto que preocupa sempre.

Os problemas com gangues estiveram presentes nas respostas de 7 dos 17 entrevistados. Na pergunta, porte de arma no interior da escola, a frequência foi de 4 respostas para 17 entrevistados.

Finalmente, a comercialização de droga na escola, obteve 3 respostas, entre os 17 entrevistados, o mesmo número registrado para o item vinculação aluno/tráfico externo.

Os dados levantados mostraram que nas escolas pesquisadas, em Uruguaiana, encontramos fatores que geram violência, como em outros grandes centros. O perfil das escolas aonde realizamos as pesquisas mostra a

participação dos jovens e adolescentes, normalmente, centro dessas questões, como confirma estudo de ZALUAR (**apud** GUIMARÃES, 1991, p. 87):

Zaluar (1990), em artigo sobre a violência urbana num conjunto habitacional pobre do Rio de Janeiro (Condomínio do Diabo), “acrescenta novas informações às encontradas por nós e também reforça muitas de nossas constatações. Através de seu artigo ficou comprovado que o envolvimento dos menores no crime organizado e no tráfico de drogas é uma realidade recente. Esse envolvimento se dá, segundo a autora, por volta dos 14 anos de idade, o que coincide com a faixa de idade que predomina nas escolas estudadas.

Notícias publicadas em jornais, confirmam esses dados.

- **Aluna é pega com arma em BH** (Folha de São Paulo, 14.5.99, p. 3).
- **Gangue aterroriza alunos em Bagé** (Correio do Povo, 4.11.00, p. 14).
- **Escolas continuam ainda no alvo das gangues juvenis** (Jornal de Uruguaiana, 2000, p.22).
- **Violência juvenil em escolas públicas** (Jornal Cidade e Cultura, 2000, p.16).

Uma das formas de manifestação de violência são as gangues. Elas não respeitam nada e ninguém. As experiências vividas por alunos de uma escola de Porto Alegre mostram esta realidade.

O que, muitas vezes, a polícia e os professores não sabem ou não percebem é que os alunos entram armados dentro do colégio. As coisas acontecem, quase sempre, dentro do Colégio, na sala de aula. A situação é tão grave que as gangues invadem a escola só para saquear o material dos alunos.

“Os alunos estão em aula, normal, fazendo educação física, tranquilos, o material arrumadinho e a gangue vem e pega o material” (GAÚCHA/SAT,

Jun./ 2000).

O Jornal de Uruguiana (2000, p.22), com base em informações da Polícia Civil, denunciou a ação das gangues. Foram registrados Boletins de Ocorrências Policiais em que aparecem as gangues como uma das principais causadoras das brigas e das discussões ante as escolas de Uruguiana. Estas ações provocaram a inconformidade de pais e alunos que estão amedrontados com este tipo de ocorrência.

5.4 CAUSAS CONCORRENTES PARA A VIOLÊNCIA

Nos tópicos anteriores, pesquisamos as formas de proteção, utilizadas pelas escolas, contra a violência.

Nossa pesquisa também, teve por objetivo levantar as causas concorrentes para a violência. Das entrevistas, vislumbramos três eixos principais. Dois deles intimamente, ligados à realidade social em que vivemos e produtos da globalização e do capitalismo: desestruturação da família (violência familiar) e a estrutura socioeconômica (exclusão social). O terceiro item referiu-se à localização da escola.

A violência, disseminada como sentimos, hoje, revela alguns traços estruturais de nossa sociedade. Ela é o resultado da exclusão social que, por sua vez, provoca o desemprego e o surgimento do crime, do baixo mundo, do contrabando e do tráfico de drogas.

Quadro 5 - Frequência das respostas nos tópicos

5.4 CAUSAS CONCORRENTES PARA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.4.1 Desestruturação familiar (violência Familiar)	3	4	0	0/1	8
5.4.2 Situação sócio econômica (exclusão social)	3	3	0	0/1	7
5.4.3 Localização da Escola	4	2	3	1/0	10

5.4.1 Desestruturação familiar - violência familiar

A desestruturação da família é uma realidade, sentida no cotidiano. Nas classes mais pobres, os resultados aparecem na mídia com intensidade preocupante. Atos de violência, abusos sexuais, brigas e afastamento dos lares, por parte de pais e filhos, são acontecimentos que se tornaram banais e que acabam afetando a vida da escola. Vamos observar isto nas respostas dos interlocutores.

5.4 CAUSAS CONCORRENTES PARA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.4.1 Desestruturação familiar (violência Familiar)	3	4	0	0/1	8

O Diretor **E4 (estadual)** disse que é difícil estabelecer limites, pois: *“O aluno simplesmente não tem medo. Eu noto que é assim. Repercute tudo na família. Porque ele aprende na família a reagir desta maneira. Já vem de casa. O pai e a mãe são, algumas vezes, separados, brigam e as conseqüências repercutem, todas, dentro da escola”*.

O diretor da **E3 (estadual)** destacou que a família, no seu entendimento, tem influência decisiva: *“Eu acho que a questão principal da violência é a própria questão da família. Hoje, a gente sabe que o adolescente é difícil, mas que a gente se perdeu um pouco. A família se perdeu um pouco, e aí o reflexo vem para a escola”*.

Por sua vez, o Diretor da **E1 (municipal)**, localizada num bairro de grande exclusão social, analisou o problema da seguinte forma: *“A vila tem este e outros problemas. Nosso aluno, aquele aluno agressivo, tem comportamento agitado, porque isto é fruto da sociedade em que vivemos. Eles já vêm com problemas de casa”*.

Entre os professores, a resposta desestruturação familiar foi apontada

como uma das causas de violência na escola. Na opinião do professor da **E3 (estadual)**:

Esta falta de afeto, esta falta de afeição do aluno, do ser humano, em geral, é que me parece ser a causa da violência, porque num lar bem estruturado, uma criança que estuda num local em que ela se sente amada, ela não tem porque ser violenta. Eu tenho a impressão de que o problema maior não está na escola.

O problema está na sociedade, não só brasileira, não é? Eu acho que é como as coisas estão se encaminhando para o ser humano, em geral. A violência não deixa de ser, nunca, uma reação.

Na série de entrevistas, conversamos com o professor que trabalha na **E4 (estadual)**, o qual fez a seguinte afirmação: “os alunos vêm de pais já com problemas, até marginais, e eles querem extravasar na sociedade, especialmente, nos colegas que são bons alunos”.

A **E1 (municipal)** está localizada num dos bairros mais pobres de Uruguaiana. Um dos professores entrevistados, assim, se expressou:

“A família, ela está na rua, o pai e a mãe responsáveis pelo filho estão na rua, trabalhando. Os filhos ficam sozinhos em casa. Os pais perderam, nós pais perdemos, assim, a noção desta responsabilidade que a gente tem que ter, que eu costumo dizer para os nossos pais, mesmo que nós saíamos para trabalhar, nós temos que ter uma noção de onde as crianças andam, com quem andam, onde vão, a que horas têm que voltar, ter este tipo de controle. Então, o que acontece: nossas crianças com 11, 12 anos são autônomas e os pais nos dizem, não podem mais com eles.

A gente conversa, num grupo de colegas, e chega à conclusão de que existe falta de limite. Os pais não auxiliam na educação. Os pais não conseguem mais com os filhos, bá, bá, bá, aquela série de reclamações que a gente houve todo dia.”

A **E2 (municipal)** encontra-se noutro bairro pobre da cidade. Lá, conversamos com o professor sobre a tolerância necessária para que os alunos sintam que existe alguém interessado por eles. Nem sempre a família tem condições de dar este amparo. “Quando eles chegam em nossas mãos, eles vêm sem esta referência. Assim, é muito difícil trabalhar um conteúdo”.

Ainda para o professor, “a violência vem de uma estrutura social, econômica, que as famílias do nosso aluno enfrentam e ele é fruto de uma desigualdade social que existe, neste meio, e a disciplina é história”.

Nossa entrevista com a Delegada de Educação mostrou que ela questiona a relação do aluno com a família: “Precisamos ver que relação tem o aluno com a família. Se existe diálogo, afeto, entre eles. A partir daí, descobrir se há ou não violência familiar. Eu quero enxergar isto, como um apelo. É uma sociedade que está apelando e temos que ver por que decorrências”.

Confirmando os dados, desta pesquisa, observemos o resultado de um trabalho, realizado por CASTRO (1995, p. 70), em escolas de Porto Alegre:

Levantamento realizado de forma aleatória, com uma turma da escola Alfa, indica que, numa turma de 3ª série, com 35 alunos, foi possível constatar que o nível educacional da maioria dos pais é primeiro grau incompleto, e um número significativo de alunos é repetente, 16 num grupo de 35. Os dados relativos à situação familiar indicam que, para 10 crianças, neste mesmo grupo, não existem dados sobre o pai, indicando que ele é ausente ou inexistente e, para um dos alunos, o pai faleceu, ou seja, quase um terço dos alunos do grupo são membros de lares liderados por mulheres. Ainda foram mencionados sete casos de pais separados, ocorrendo, na maior parte das vezes, coincidência com o número de pais ausentes, mas, também, aparecem casos em que a mãe é que está ausente. A maioria dos pais e mães trabalham em ocupações que recebem baixos salários e são pouco valorizadas socialmente. O nível educacional e de renda mais alto foi apresentado por uma mãe que é professora e possui magistério de 2º Grau.

As situações de violência ocorrem de muitas formas como, pelos xingamentos, gritos, humilhações, que são pequenos gestos que podem acabar tornando-se rotineiros. Estes fatos marcam não só a vida escolar, mas o cotidiano da vida nas famílias, independente de classe social.

5.4.2 Situação econômica - exclusão social

A exclusão social, provocada pela situação econômica, é nascedouro da

violência que toma conta da sociedade e atinge a escola. Opor-se a qualquer forma de violência, deveria ser prioridade do ser humano.

Essa exclusão que se dá por preconceitos, injustiças e violências são mostradas pelas falas de nossos entrevistados.

5.4 CAUSAS CONCORRENTES PARA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.4.2 Situação socioeconômica (exclusão social)	3	3	0	0/1	7

“É problema porque estes que estão do lado de fora são, também, pessoas carentes em tudo. Eu sei que eles não têm quase nada na vida e sofrem com isto.” Este é o depoimento do Diretor da **E2 (municipal)**.

Quando falamos com o Diretor da **E1 (municipal)**, ele estabeleceu:

“Nós temos aquele comportamento agressivo do aluno, então, temos sérios problemas, também, nesta parte de comportamento, por que vem de uma sociedade, de uma realidade difícil, e ele acaba demonstrando, aqui, muita coisa. Os nossos alunos vêm de uma sociedade bem problemática, de uma realidade triste, difícil. Esta violência é gerada fora da escola.”

O Diretor da **E3 (estadual)** falou: *“... de repente, alunos violentos em casa, com péssima situação econômica, são na escola alunos bons”*.

Isso é uma coisa muito complicada, afirmou o professor da mesma escola:

“É uma ação advinda de uma reação. As crianças sentem a necessidade do apoio afetivo da família em todos os sentidos. E, você sabe, que nos tempos modernos, o que está acontecendo é que a família, até por uma necessidade de sobrevivência, necessidade de trabalhar, de se aperfeiçoar e de viver melhor, porque visam ao conforto, etc., então, deixam de lado o objetivo maior de se ter uma família que é criar com afeto.”

No seu depoimento, o professor que trabalha na **E2 (municipal)**

ênfatizou: “a exclusão ocorre porque são alunos sofridos, pobres, carentes. Tem este problema por causa da marginalização que existe”.

O professor contou como tenta contornar a situação:

... então, a gente vê, procura canalizar para o lado do estudo, a análise histórica, mostrando a realidade, fazendo com que eles se dêem conta da realidade política, social e econômica do País, a situação que eles vivem e levar, também, este lado do esporte, do lazer, porque é uma atividade que eles carecem muito. São alunos muito sofridos, uma população muito pobre, carentes e eles têm este problema, por causa desta marginalização social que existe.

O professor da **E4 (estadual)** demonstrou esse posicionamento:

Estamos numa crise e o desemprego é o maior provocador desta violência que reflete no psicológico das crianças, das famílias. Então, com os pais desempregados, os filhos se tornam violentos porque há falta na mesa e o pai desempregado tem a falta de atenção. Já não tem mais aquele ânimo para dar atenção para os filhos, dar uma orientação, já se sente frustrado e, provavelmente, até com uma depressão. Então, aí vem o resultado da violência.

A Delegada de Educação conversou sobre a situação econômica e exclusão social, ilustrando desta forma:

“Nós acreditamos que os atos de violência que se apresentam na escola são decorrência de inúmeros fatores, entre eles, a questão econômica, mas não só. Tivemos um caso, em Uruguaiana, ano passado, aonde um aluno violentou a escola. Mas aí, eu me pergunto: em que momentos ele foi violentado pela escola ou fora dela. O que o levou a fazer isto, qual o contexto?”

A violência visível da delinqüência constitui a resposta à violência invisível, como afirma DEFRANCE (**apud TAVARES, 2000, p. 25**):

Parece claro que a violência “visível” da delinqüência constitui uma resposta à violência “invisível” de condições de vida freqüentemente inaceitáveis: os fatores de exclusão se acumulam, dificuldades familiares, desemprego, assistência generalizada, quadro de vida degradado, para pesar o mais fortemente sobre as crianças e os jovens.

A exclusão social passa pela forma como nos organizamos em sociedade. Por isto, ela é ampla e complexa. Passa pela família e entra na vida diária da escola que segmenta e estratifica o ser humano.

5.4.3 Localização da escola

A localização da escola pode influir para o estabelecimento da violência? Fizemos esta pergunta, em nossa pesquisa aos diretores, professores, alunos, Secretária e Delegada de Educação, para conhecer a relação deste tópico com a violência na escola.

5.4 CAUSAS CONCORRENTES PARA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	Total
5.4.3 Localização da Escola	4	2	3	1/0	10

Perguntamos ao Diretor da **E1 (municipal)** se a localização do colégio, numa área de muitos conflitos e de forte exclusão social, tem relação com a violência na escola.

A diretora afirmou que: *“Não, não tem tido. Posso afirmar isto. A comunidade vem para trabalhar, para nos ajudar, nós não podemos dizer que estão sendo, digamos, violentos. Isto, não. Nós não temos”*.

Para o Diretor da **E4 (estadual)**, que se localiza na zona central, indagamos se por estar no bairro centro era problemático, se oportunizava a presença de pessoas de outros lugares da cidade?

Sua resposta foi esta: *“Não. Eu acho que todas as escolas estão problemáticas, porque a clientela a gente não escolhe. Vem de várias periferias e a gente tem que aceitar, independente de zonas. E, aí, aparecem, por exemplo, as ações das chamadas gangues”*.

Na **E2 (municipal)**, o Diretor afirmou que: *“Eu poderia enfocar o*

seguinte: Estamos num bairro aonde a minha escola está cercada por outros seis bairros. É, portanto, uma escola em que temos alunos de vários pontos, mesmo sendo na mesma região, são bairros diferentes, por isto, estamos mais expostos à ação da violência”.

O Diretor da **E5 (particular)** opinou:

Estamos sempre conscientizando os alunos de que a zona em que se encontra a escola não é um bairro central e a gente sabe que a população daqui é uma população carente e, até nas proximidades da escola tem pontos de droga, tudo o mais, mas a gente vê que não atingiu nossa escola. Até mesmo, eles estão respeitando muito. A gente ouviu falar que quando viéssemos para cá e colocássemos vidros nas nossas janelas, eles não permaneceriam. A comunidade de onde nós saímos, que era do centro, escola R, dizia para a gente: olha, vocês vão colocar os vidros e eles não vão existir no outro dia.

Para os professores, será que existe relação entre a localização da escola e a violência?

A pesquisa apontou para essas definições. O professor da **E4** afirmou: *“Isso muda, sim. Porque, por exemplo, temos uma Escola Estadual, como a nossa, que construiu um ambiente e os alunos têm que seguir só aquela linha. E os que vêm da periferia, já entram naquele sistema. Se moldam”.*

O fato de sua escola estar localizada nesse Bairro contribui para a violência? Perguntei à professora da **E1**. Sua resposta foi: *“Eu acho que torna a escola singular, dentro da cidade, porque como ela é o centro da Vila, eu acho que ela reflete a vida, ela é singular por isto. Mas não vejo que haja contribuição”.*

Os alunos entrevistados não quiseram opinar sobre as questões dos tópicos 1 e 2. No entanto, três deles falaram na localização da escola como fator de geração de violência. Para o aluno da **E5**: *“A localização não influencia porque a nossa escola tem a frente bem cuidada pelos porteiros,*

peessoas de experiência, também. O portão fica fechado. Nós não saímos”.

Na **E4**, o aluno disse: *“Se minha escola fosse localizada em área de muita violência não continuaria nela. Preferiria ir para outra escola que fosse menos violenta”.*

Na **E2**, o aluno destacou: *“O fato da escola ter alunos, meninas e meninos, que moram em vários bairros, é bom e não influencia”.*

Para a Secretária de Educação, hoje, há mudanças interessantes em Uruguaiana: *“Acho que, neste sentido, nós já crescemos bastante. Já tivemos uma escola, localizada no Bairro da Promorar I, que foi depredada por alunos e por pessoas não alunos, da comunidade e conseguimos reverter a situação”.*

Para a senhora, o fato da escola estar localizada na periferia ou na zona central, influencia?

“Relativamente, nós temos a escola José Francisco Pereira da Silva que é mais central, mas que também sofre arrombamentos, quer dizer, depende de muitos fatores”.

TAVARES (2000, p. 17), ao tratar desse tema, reforça a posição de alguns dos nossos pesquisados, em Uruguaiana, afirmando que:

Nesse contexto de discussão surgiram dificuldades dos mais variados tipos, desde o medo que os professores e/ou funcionários sentiam da comunidade em que a escola estava inserida, até o preconceito de ordem social e moral, muitas vezes, implícito. Tudo isto, acabava por impedir a interação com a comunidade, obstaculizando um diálogo efetivo entre pais, alunos, professores e funcionários...

Concluindo a análise dos dados sobre as causas concorrentes para a violência, destacamos:

- **Localização da escola:** obteve 10 respostas dos 17 entrevistados.

- **Desestruturação familiar (violência familiar):** Dos 17 entrevistados, 8 responderam, neste item.
- **Situação socioeconômica / exclusão social:** obtivemos 7 respostas, em 17 entrevistas.

5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA

A maioria das escolas de Uruguaiana vêm se mobilizando por meio de múltiplas ações para diminuir a violência na escola. São campanhas que se intensificam no interior das escolas e atingem os Meios de Comunicação Social, passando por pedidos de mais proteção à Brigada Militar e reuniões com os Círculos de Pais e Mestres.

Passeatas com jovens estudantes, portando cartazes, pedindo paz e justiça integram a paisagem do nosso cotidiano. Tudo porque a comunidade escolar entende que não é mais possível conviver com esses atos de violência.

Os danos causados ao patrimônio e às pessoas, na escola ou em suas proximidades, são as fontes de idéias. Os pais estão indo aos jornais e rádios conclamar a comunidade para que participe, evitando, com uma ação forte, danos ainda maiores.

Na seqüência, mostraremos os resultados da pesquisa, que trata das formas de proteção contra a violência e o que fazem as escolas para proteger a comunidade escolar.

Quadro 6 - Frequência das respostas para a questão segurança interna da Escola

5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	total
5.5.1 Segurança interna (muros/grades/seguranças)	5	2	3	1/0	11
5.5.2 Segurança externa (Brigada Militar)	1	1	2	0/1	5
5.5.3 Valorização do aluno/pessoa	5	2	1	1/1	10
5.5.4 Envolvimento comunitário	5	4	4	1/1	15
5.5.5 Valorização do Professor	2	4	0	0/1	7

5.5.1 Segurança Interna (Muros/Grades/Seguranças)

A construção de muros, a colocação de grades e a presença de seguranças nas escolas, nem sempre resolvem o problema. Aliás, a maioria recorre a estas formas sob o argumento de que são inibidoras.

Diretores, professores e alunos destacaram a existência desses mecanismos em suas escolas com a frequência que vamos, a partir das respostas, observar.

5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	total
5.5.1 Segurança interna (muros/grades/seguranças)	5	2	3	1/0	11

Na **E1 (municipal)**, conversamos com a Direção que, durante a entrevista, informou: *“Aqui na escola temos apenas dois vigilantes que, na realidade, precisaria ter mais pelo fato da escola não ser cercada por grades, acrescentando que outras escolas, segundo ela, têm conhecimento, possuem mais pessoas, nesta área, o que é muito importante”*.

Quando conversamos com o Diretor da **E2 (municipal)**, ficamos

sabendo que lá, a situação estava um pouco melhor e a vigilância era maior.

Há uma vigilância muito grande no recinto da nossa escola. Temos segurança interna, sim. É um controle muito grande de nossa parte. Envolve serventes, pais, os professores, então, nós estamos sempre de olhos abertos nos corredores, na sala de aula. Estamos, sempre, controlando isto aí. Nossos portões são fechados e só abrimos o portão da frente quando as pessoas são devidamente identificadas.

Estivemos na **E3 (estadual)**. Seu Diretor manifestou vontade de ter uma cerca viva, ao contrário das telas que circundam a área: *“Nossa escola não tem muros, ela tem grades (telas). Que bom se fosse uma cerca viva, mas a gente tem as influências externas. A gente sabe que em todo o País, em toda a parte, precisamos ter segurança”*.

Na **E4 (estadual)**, fomos informados de que a escola estava bem protegida: *“A escola está bem protegida com grades, cadeados, e muros. No momento em que o aluno entra, os portões são fechados e, se alguém precisa se comunicar, terá estes mecanismos de contenção”*.

Para o Diretor **E5 (particular)**, há boas condições de segurança no colégio: *“tem cerca ao redor do prédio e grades na parte da frente, para dar maior segurança”*.

Com relação aos professores, a abordagem se constituiu nas seguintes falas. O professor da **E2** disse que: *“É necessário entendermos que o aspecto físico é importante. Ele dá uma relativa segurança para todos nós. Grades e muros auxiliam a manter tranqüilidade no recinto da escola”*.

Há os que entendem que esse tipo de proteção é importante porque trata-se de um aspecto inibidor. Assim, pensa o professor da **E4**: *“a grade não é alta. Não é para resolver problema de violência. Ela serve para limitar o espaço da escola. E esta telinha que tem nas janelas é por causa das pedras que, às vezes, podem ocasionar algum problema”*.

Foi importante, também, ouvirmos a posição dos alunos, diante de tantos mecanismos de segurança, dispostos pela escola. Por isto, perguntamos como era viver em ambientes cercados de grades, muros e seguranças. Destacamos alguns trechos deste diálogo.

Disse a aluna da **E3**:

Ah! Uma escola com grades (risos). Eu acho que toda a escola tem grades, mas acho também que se o aluno pensar que ele está dentro de uma escola com grades, que ele vai ficar preso... ai ele vai ficar preso, até conscientemente, ele vai ficar preso. Mas se ele pensar assim... oh... ai eu estou numa escola, mas é para minha segurança, e eu acho que ele vai se sentir bem. Eu, pessoalmente, me sinto bem.

Mas você entende que sua escola é bem segura? - insisti. Não tem essa de vocês estarem estudando e os caras do lado de fora gritando, jogando pedras, coisas deste tipo, aqui, na **E5 (particular)**?

“A escola, agora, no momento, é segura. Nós temos as áreas todas cercadas e é longe da sala de aula. Então, não há como ocorrer estes inconvenientes de gritos, pedras e outros.”

Perguntamos, para outro aluno: - Como tu te sentes dentro da **E2 (municipal)**, que a gente olha de fora e está cercada de grades?

“Eu me sinto mais segura. Acho que é muito importante para a nossa segurança, até mesmo a presença dos guardas.”

A Secretaria Municipal de Educação mostrou preocupação com o aspecto segurança interna da escola. A Secretária falou:

Nós conseguimos superar alguns problemas agora neste ano colocando alarme nas escolas para propiciar maior segurança. Temos um quadro bastante completo em nossas escolas o que não permite determinadas atitudes ou atos. O ambiente que criamos não favorece. Há, por exemplo, um controle no uso do banheiro, onde eles tem um lugar mais reservado.

Na escola Alfa, pesquisada por CASTRO (1998, p. 64), o problema da segurança e do acesso à escola, também, estava presente, como ilustra o comentário, a seguir:

O portão de acesso à área da escola estava fechado quando eu cheguei, pela manhã. Entrei com o carro na área de acesso... quando fui para a área da escola, encontrei um portão fechado e havia um porteiro. Eu disse: - sou a professora Marta e combinei vir conversar com a professora Carmem, hoje. Ele me perguntou se eu sabia onde era. Eu disse que sim. Ele me abriu o portão e eu entrei.

Pesquisa apresentada por CODO (1999, p. 156) mostra que a segurança não tem produzido os resultados que se espera: “*Ficou provado na pesquisa que o apelo ao recurso de segurança interna não defende melhor o patrimônio das escolas*”.

Os inúmeros esforços, praticados pelas escolas para diminuir a violência, nem sempre têm dado resultados positivos. Mas a existência destes mecanismos, nas escolas pesquisadas, mostrou que é possível ter expectativa de diminuir a violência nestes locais .

5.5.2 Segurança externa - Brigada Militar (BM)

A presença de Policiais Militares na frente e próximos à escola tem sido reivindicada, diariamente, pela comunidade de Uruguaiana. A BM diz que não pode estar e que sua função, pela Constituição de 1988, ficou muito restrita, pois sequer podem afastar pessoas ou revistá-las. Mas, afinal, o que pensam os que estão na escola sobre este tema.

5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	total
5.5.2 Segurança externa (Brigada Militar)	1	1	2	0/1	5

Nossa pesquisa trabalhou esse tópico e a segurança externa foi a comentada pelo diretor da **E4 (estadual)**: *“Quando a gente vê a coisa muito tumultuada, a gente chama a Brigada Militar. E, no momento em que chega a Brigada, eles se dissolvem. Olha, aqui na frente da escola, já chamei a Brigada, sim. Principalmente, na hora da saída, que é quando mais eles provocam tumulto”*.

Pelo professor da **E5 (particular)**:

... em certa oportunidade chamaram a Brigada, mas não envolveram os alunos. Até mesmo, os alunos quiseram debater o assunto, dentro da sala de aula, e eu não permiti, com receio de sofrer represálias... em relação à escola, a gente solicitou a Brigada Militar que passasse várias vezes aqui. Cada vez que acontece um ato de violência, no sentido de assalto, fora do pátio da escola, a Brigada vem, dá uma passada e diminui um pouco. Mas é preciso que aconteça isto para que a polícia tome providências.

E pelos alunos das **E3 (estadual)**: *“Me dá insegurança, sim. Me dá muito medo de ser assaltada. Acho que deveria ter mais policiamento nas proximidades da escola, por isto, não saio com bolsa”*.

E da **E5 (particular)**: *“sinto-me tranqüila, porque nós temos segurança permanente no portão. Sai um e entra logo o outro. A Brigada Militar, às vezes, dá uma passada”*.

A Delegada de Educação, diante das declarações em favor da presença da Brigada nas escolas, disse que este não é o caminho: *“Não. Eu não vejo por aí, porque eu não sei se é em cima da repressão, da situação armada, que vai se resolver a questão de relações. Isto se estabelece no plano da relação. Então, eu não sei, até que ponto, o companheiro brigadiano, ali na escola, vai ter um trabalho de fato educativo”*.

Estudo, realizado por CODO (1999, p.156), mostrou posição antagônica.

... a segurança externa exerce um rol positivo na contenção das ocorrências de agressão ao patrimônio, embora os recursos não ajam de forma completamente efetiva na diminuição das ocorrências de roubo e vandalismo. Mesmo assim, a atuação da Polícia na área externa das escolas, parece ser uma medida adequada, pois garante a ordem pública e também o funcionamento da escola em sua rotina e normalidade.

A presença de Policiais Militares próximos às escolas pesquisadas é, para os interlocutores, um fator de segurança e tranquilidade. Até mesmo, em algumas circunstâncias, a própria escola têm solicitado a presença da Brigada Militar.

5.5.3 Valorização do aluno / pessoa

Se observarmos os objetivos traçados pelas escolas, de uma forma geral, vamos notar que, na expressiva maioria, aparece a valorização do aluno para que ele desenvolva suas potencialidades.

Parece que trancar a criança e o jovem na escola é a solução. Ocupá-los o dia todo, movimentá-los, envolvê-los agrada a política pública da educação. Mas será que isto é o suficiente? Como valorizar, mesmo, o aluno?

Nessa linha, trabalhamos o tópico valorização do aluno, como pessoa. Os resultados da pesquisa, para este item, foram os que transcrevemos aqui.

5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	total
5.5.3 Valorização do aluno/pessoa	5	2	1	1/1	10

Conversamos com os Diretores e eles se mostraram convencidos de que buscam essa valorização. Os Diretores dão atenção especial a seus alunos. Isto é o que mostram as entrevistas, em que todos opinam sobre a valorização do aluno/pessoa. O Diretor da **E1 (municipal)** destacou:

Nosso aluno é bem valorizado. Desde o momento em que ele está chegando na escola, ele recebe carinho, com palavras, gestos de incentivo. Dizemos que eles são ótimos, que a escola é boa, porque eles são bons, dando todo o apoio; valorizamos, também, os pais que estão trazendo os filhos para a escola. É, nesta amizade, neste carinho, nesta valorização que os alunos recebem que a direção, professores e funcionários têm o retorno, pelo respeito deles.

Noutra escola, **E2**, o diretor afirmou:

“Tratamos os alunos com amor para que eles se respeitem como seres humanos. Seguidamente, convidamos para que venham até à escola, para aconselhamento aos alunos, pessoas como professores, psicólogos, ginecologistas, médicos de clínica geral, pastores entre outros, que falam sobre vários temas, como as drogas. Queremos, com isto, mostrar aos alunos que eles têm direito a uma vida melhor. O fato de eles morarem em vilas pobres, de baixo poder aquisitivo, não quer dizer que estejam excluídos e não possam obter sucesso na vida. Mesmo alunas que sabemos pertencerem a gangues, não ficam fora de nosso trabalho. Se isto acontecesse, a escola não precisaria existir.”

A proximidade com o aluno é importante. Representa buscar mais diálogo com ele. É um pouco mais difícil, disse o diretor da **E3 (estadual)**, isto acontece.

Hoje estamos mais perto dos alunos. Existe um diálogo. Como direção não tenho acesso, diário, a todos os matriculados. entretanto, tento. Às vezes, até contra a vontade de alguns professores. Outro dia, um aluno, que não tinha o perfil de agressivo, foi chamado na orientação para uma conversa. Tivemos com ele um diálogo aberto. Isto serviu para que ele retomasse o caminho certo. Demos uma nova chance para que ele faça certo aquilo que fez de errado. Como ser humano, é um dever da escola e, principalmente, dos educadores, porque a gente sabe que nesta fase ele precisa muito.

O Diretor da **E4 (estadual)** comentou: *“Em nossa escola, o professor ajuda muito. Ele procura conversar, dialogar. Os professores fazem o que podem. Mas eles sabem, também, que o aluno não pode ficar fora da sala de aula, não é? Assim, tratamos a questão da valorização do aluno/pessoa, em nossa escola”* .

Na **E5 (particular)**, o Diretor disse que há um bom relacionamento entre professor e aluno, favorecendo esta valorização:

Existe uma amizade muito grande e a gente pode perceber isto entre eles, porque o aluno também é um profissional. Não podemos esquecer que a maioria já está trabalhando. É claro que, às vezes, ocorrem desentendimentos em relação à cobrança, feita porque eles trabalham todo o dia e o professor quer cobrar um pouquinho além.

Durante a pesquisa surgiram algumas críticas ao funcionamento da escola. O professor da **E5 (particular)** disse que aquela não era uma escola democrática.

“As disciplinas todas trabalham com a questão da cidadania e enfocamos a importância disto, embora tenhamos dificuldade de manifestar as idéias, porque não é uma escola democrática, no que diz respeito à administração e com relação ao projeto pedagógico, mas não à parte administrativa que envolveria mudanças. Os alunos reagem de uma forma... eles boicotam. nossa dificuldade, hoje, é fazer com que a direção da escola compreenda que o aluno precisa participar. A violência que eu acho que está acontecendo e que deve parar é a violência psíquica, no sentido de haver um “abafar”, digamos assim, a manifestação dos alunos.

A professora da **E4 (estadual)** falou sobre a responsabilidade daquele que ensina e na importância de tratar a educação como questão prioritária, em nosso País.

O aluno está se sentindo valorizado, sendo sujeito do processo da educação? Ele sente a escola preocupada com isto?

Um aluno falou a respeito da valorização, reconhecendo o esforço dos professores para que isto seja alcançado. Foi o aluno da **E2 (municipal)**: *“Os professores orientam muito os alunos para que quando a gente saia da aula, vá para casa. Para a gente nunca ficar nas esquinas. Às vezes, quando liberam mais cedo, nunca é para a gente ficar nas esquinas”.*

Conversamos sobre o tema com a Secretária e a Delegada de Educação.

A política da Secretaria Municipal de Educação não é de retirar o aluno de dentro da escola, mas, sim, de, ali dentro, tratá-lo como cidadão, independente de ali fora ele ser um marginal ou estar envolvido com outras questões como, drogas, assaltos, roubos e outros. Dentro da escola, ele é um aluno, um cidadão e, como tal, merece ser tratado desta forma e mediante alguns programas de orientação sexual, outros que abordam a questão das drogas, pelo serviço psicopedagógico, também, da Secretaria, de procurar fazer com que estes adolescentes reflitam sobre esta situação, sobre as conseqüências de um envolvimento violento e possam, assim, alterar a conduta.

Nessa linha de valorização aluno/pessoa, prossegue a Secretária:

Diante do trabalho que realizamos, todo o marginal ou aquele que está se encaminhando para atitudes marginais é passível de recuperação e esta recuperação se faz com educação, com respeito, com afetividade, fazendo ele se sentir bem vindo à escola e não se sentindo excluído, porque ele já é excluído socialmente. Se a escola também o excluir, ele estará totalmente excluído. Então, buscar educativamente corrigir desvios sociais e de que a escola seja de fato pública.

Para a Delegada de Educação: *“Não podemos trabalhar a violência como a conseqüência que está ali, isoladamente, mas fazer da escola, aquelas quatro horas que a gurizada permanece nela, momentos de não violência, também”.*

LOPEZ (1999, p.18) faz esta observação:

O aluno é visto como um número que deve apenas decorar e passar de ano. A escola se exime de uma formação mais ampla [...] ela exige da criança e do jovem o que não é tão importante, e os priva do que é essencial. Outra grande violência é a valorização do consumismo: a escola permite um ambiente de competição e individualismo.

Por outro lado, PRADO (1999, p.10-19) destaca: *“Ameaças e agressões verbais e físicas, além de desinteresse, revelam um quadro de confronto, também, na sala de aula. Este tipo de violência não é causa, mas efeito do desgaste que vem sofrendo a relação professor x aluno”*

Nas escolas pesquisadas há indicativos da valorização do aluno. O incentivo para o exercício dos deveres e obrigações, na tentativa do resgate da cidadania e as orientações sobre os procedimentos que eles devem ter, dentro e fora da escola, mostram a preocupação existente.

5.5.4 Envolvimento comunitário

Os educadores e pesquisadores, que se preocuparam com a solução do problema da violência na escola, têm mostrado, em suas pesquisas, a importância do envolvimento da comunidade nesta trajetória.

A ação coletiva, especialmente, com a presença da comunidade aonde se localiza a escola, tem sido uma alternativa positiva para transformar esta realidade de destrutividade ao patrimônio e às pessoas.

Como observaremos nos depoimentos colhidos, em Uruguaiana, à medida em que a comunidade se sente responsável, entende a mensagem da direção e professores e vê o aluno inserido neste trabalho, as coisas começam a acontecer.

A presença da escola, nos momentos importantes para a comunidade, acaba valorizando seus integrantes e resulta no início da construção de uma consciência coletiva diferenciada cujo produto final auxilia, em muito, no combate às várias formas de violência registradas na escola.

Esses valores éticos resgatados chegam a ser emocionantes e os fatos destacados durante as entrevistas evidenciam isto. Por isto, o envolvimento comunitário, no universo de todos os tópicos pesquisados, obteve o maior número de respostas. Dos 17 entrevistados, 15 falaram sobre ele.

5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	total
5.5.4 Envolvimento comunitário	5	4	4	1/1	15

Como consequência, os resultados positivos começam a aparecer entre as escolas pesquisadas.

Perguntamos ao Diretor da **E1 (municipal)** sobre o envolvimento comunitário na vida da escola e ele disse:

Ao assumir a direção, pensei o que fazer. Mande um recado para a vila, dizendo que precisava conversar com eles. No dia marcado, estavam quase 200 pessoas na escola. Fui caminhando com todos pela escola, de sala em sala, de setor em setor, mostrando para eles em que estado se encontrava a nossa escola. Não conseguimos, minha vice e eu, controlar os nervos e acabamos chorando ante a todos. Então, a comunidade nos deu força e falou - Fiquem tranqüilas, porque nós vamos ajudá-las a levantar a escola. Nos meses de janeiro e fevereiro, a comunidade fez um mutirão para recuperar o prédio. Desde, então, a presença da comunidade é constante, o que os faz também responsáveis pela escola.

A direção, por sua parte, faz tudo o que está a seu alcance. Não medimos esforços. Quando se tem a comunidade na escola, se tem uma escola de qualidade. Eu acho que a presença da comunidade na escola, responsabilizando e comprometendo o aluno é importantíssimo. Tem gente, observando e fiscalizando o trabalho. Vale também para o aluno. Se, de repente, ele quebrar a cadeira, ele e o pai serão chamados para que haja o conserto daquilo que foi estragado.

Temos ainda o CPM, Circulo de Pais e Mestres, com quem a gente se une e busca alternativas. Dialogando, conversando, vamos resolvendo os nossos problemas do dia-a-dia, que, às vezes, não são fáceis. Hoje, eles vivem juntos, caminham juntos. É uma caminhada escola/comunidade.”

Pelo depoimento do Diretor da **E2 (municipal)**, há um bom relacionamento entre escola e comunidade: *“Trabalhar com a comunidade é muito mais fácil porque ela, comunidade, vê o que não está correto e nos cobra. Por isto, é uma das coisas que nós agradecemos a Deus e à comunidade: nossa escola é muito bem cuidada”.*

Os depoimentos apresentaram variáveis. O Diretor da **E4 (estadual)** afirmou que na sua escola a situação é mais complicada.

Embora haja a consciência da necessidade da participação da comunidade, isto não acontece, como deveria.

A resposta mostrou, também, confusão entre a participação da comunidade escolar e a presença dos pais na discussão dos problemas.

Muitos pais comparecem, mas muitos, também, não comparecem. Então, a gente procura mandar o aluno de volta para casa, com um bilhetinho para chamá-los, quando eles fazem coisas graves. Os pais resistem, um pouco, mas como o aluno não pode entrar na sala de aula, enquanto eles não comparecerem para a gente conversar e dialogar, aí os pais comparecem. ... é importante este trabalho com a comunidade, a fim de que ele possa servir de referencial. Temos que procurar caminhar juntos com a comunidade.

Foi o que disse o Diretor da **E3 (estadual)**.

Ele falou de um exemplo que está dando certo:

“Existe em nossa escola, um Jardim. Lá, a comunidade trabalha, constrói brinquedos, objetos e mantém o local sem ônus para a escola. Até mesmo, fizemos aquela passarela bonita, com o trabalho da comunidade. O jardim é da escola. Ali nós temos 150 alunos. É uma coisa gratificante. Nós, agora, estamos fazendo uma casa de bonecas para as crianças e quem está fazendo são os pais.”

Na **E5 (particular)**, o Diretor, de maneira bem resumida, informou: *“Há participação dos pais, na vida da escola. Isto é verdadeiro”*.

Praticamente, a mesma frequência de respostas foi obtida quando entrevistamos. Nas posições expressas, eles, também, entenderam que, para diminuir a questão da violência, é imprescindível a participação da comunidade.

Temos que trabalhar muito é a cabeça do aluno. A cabeça do Pai. Este é um trabalho a longo prazo. Leva-se de três a quatro anos para realizar este trabalho. Começa lá na quarta, às vezes, na primeira

série. Tenta-se fechá-lo até a oitava série. Claro, que não é cem por cento. É certo que também não se consegue alcançar todos, mas este é o nosso objetivo.

Esse mesmo professor, que pertence a **E1**, afirmou: “*Quando a nova direção assumiu, houve um mutirão no início e eu não estava eu Uruguaiana, estava de férias. No dia que eu cheguei aqui, eu vim à escola, e fiquei surpresa de ver um verdadeiro mutirão aqui dentro*”.

A convicção demonstrada pelo professor é de que é preciso provocar mudanças, como a ocorrida em sua escola:

A comunidade, as próprias crianças estavam aqui dentro, tinha um aluno nosso, pintando nossa escola. Todas as salas de aula foram pintadas por alunos. Então, esta direção nova conseguiu reerguer esta parte, esta área física da escola, esta parte que tu falas, da violência externa. Conseguimos melhorar, neste aspecto, no sentido de que a escola, a direção, a orientação e a parte pedagógica estão tentando sempre... chamando a família.”

Quando conversamos com o professor da **E5 (particular)**, ele disse que era costume a participação dos pais na vida da escola, com frequência.

Isso acontece até no ensino médio profissionalizante. No entanto, precisamos, muitas vezes, de chamá-los, especialmente, quando o aluno falta. Tivemos o caso de uma aluna, por exemplo, que apareceu somente no último mês de aula. Eu não a conhecia. Achei que era uma aluna desistente. O pai veio para saber como estavam suas notas. Ele a deixava na frente da escola e ela não entrava. Foi um caso estranho, porque ninguém conhecia a aluna e os pais não compareciam.

Na **E4 (estadual)**, o professor destacou, como uma queixa, que a comunidade participava de forma, apenas, razoável:

A gente se reúne, sim. Para as palestras nós nos reunimos. É um assunto preocupante. A gente se ajuda porque é um assunto que envolve a nossa comunidade escolar. Então, nós não queremos ter assim um parecer de fora que a nossa escola esteja muito violenta. Pelo menos, no turno da manhã, em que eu trabalho, não vejo os alunos muito violentos.

O mesmo professor ressaltou, amenizando suas declarações:

Não é que os pais não queiram nada com nada. É que, dificilmente, eles acompanham os filhos por causa do trabalho. Nesta crise que o País está atravessando, os pais não podem mais deixar de fazer o seu trabalho e até um trabalho suplementar, popularmente, os bicos, mas quando precisa, eles comparecem. No entanto, precisamos ter mais apoio dos pais. Talvez, eles não estejam dando muito apoio porque trabalham todo o dia e chegam em casa à noite e não têm muito ânimo de conversar com os filhos. Aquela conversa familiar, já não está existindo mais. Isto reflete-se na participação junto à escola.

Para o professor que trabalha na **E2 (municipal)**, a situação não é muito diferente: *“Há uma luta contínua para a participação da comunidade. Ela se transforma em necessidade imperiosa para evitar tragédias. A gente continua fazendo este trabalho junto com a comunidade e o aluno tem que ter a consciência de que ele sai da escola e deve dirigir-se para casa”*.

A necessidade do envolvimento comunitário para o combate à violência na escola é, também, opinião dominante entre os alunos entrevistados. A seqüência de depoimentos mostrou esta realidade.

*É fundamental o envolvimento comunitário. Acho que os pais têm que ser participativos, porque o pai que não vem à escola, para saber como o filho está, como o filho não está, isto é mau. O pai tem que estar ali, tem que estar junto com o seu filho. Como eu disse: o pai educa o seu filho. A escola complementa. E eu acho que se o pai não estiver ali em cima, o filho pode até se revoltar, alguma coisa, assim. Educação vem de dentro de casa. A criança deve vir preparada. Acho que os pais também são responsáveis pela educação do seu próprio filho. (Depoimento do aluno da **E3(estadual)**).*

Outro disse que não é muito fácil a presença do pai na sua escola, **E1 (municipal)**: *“é que meu pai trabalha para fora e a minha mãe, também, trabalha e não tem muito tempo. Mas sempre que ela pode, participa”*.

O aluno da **E5 (particular)** explicou, assim, o envolvimento dos pais: *“Nossos pais vêm à escola regularmente. Participam quando tem reuniões, entrega de notas. Quando chamados eles estão sempre aqui”*.

Ouvimos do aluno da **E2 (municipal)**, a confirmação da presença dos pais e da comunidade, na sua escola: *“sim. Meus pais vêm à escola. O mesmo acontece com os pais dos meus outros colegas. Eles vêm. Não é em grande quantidade, mas vêm”*.

O setor político-educacional, do município de Uruguaiana, foi ouvido em nossa pesquisa e as posições foram estas:

Para a Secretária de Educação:

A escola retomou este trabalho no sentido de que todos entendam que ela é patrimônio da comunidade. Que ela está ali para servir a comunidade, os filhos, netos, os sobrinhos, enfim... e que, se estragar, o Poder Público não vai consertar o que for provocado por ato de vandalismo e aí eles vão ficar na classe meio torta, na cadeira, faltando uma lasca, enfim, eles sentirão que estão se prejudicando.

Afirmou ainda que:

Gradear, colocar guarda, alarme não evita a violência. O que evita, mesmo, é o relacionamento escola x comunidade. Este trabalho educativo de conscientização é o que, de fato, vale. Nós desenvolvemos, desde 97, um programa em que a família vai à escola, a família participa da atividade escolar, a família se envolve com o trabalho escolar, de forma que eles sintam a sua utilidade, a validade do trabalho da família e isto é uma orientação para a rede toda.

A Delegada de Educação, várias vezes, durante a entrevista, destacou a importância dessa convivência: *“Precisamos ver qual a relação do aluno com a sua família. Quais os momentos de diálogo e de afeto ele tem”*.

Perguntamos para a Delegada se havia um trabalho específico em Uruguaiana, na área da 10ª Delegacia de Educação, visando à participação da comunidade no trabalho, objetivando a diminuição da violência na escola. Sua resposta passou pela questão administrativa: *“Em Porto Alegre, instituímos um fórum estadual sobre a violência nas escolas. De lá para cá, continuamos esta discussão. É uma discussão contextualizada, porque não conseguimos enxergar*

qualquer manifestação de forma isolada”.

Há um contexto bem definido e ele precisa ser avaliado, disse a Delegada: *“A violência que chega à escola é um grande desafio. Exclusão é uma forma de violência. Quais são as competências do Estado, qual o papel do Conselho Escolar, do Diretor, do Coordenador de disciplina, do professor. A violência que chega à escola é um grande desafio e, para combatê-la, é necessário o envolvimento de todos”.*

As manifestações ocorridas, em Uruguaiana, como foi destacado na presente pesquisa, fortalecem a idéia de CODO (1999, p. 157):

Em nossa pesquisa, vimos que medidas de combate à violência tais como portões trancados, guardas dentro da escola, não são tão efetivos como se pensa que são. Normalmente, as escolas que optaram por esse tipo de combate não obtiveram resultados satisfatórios. Já aquelas que optaram por uma segurança externa, juntamente com o apoio da comunidade (ou somente a participação desta), encontraram maior sucesso no combate à violência.

AQUINO (**apud** PIVA e SAYAD, 2000, p. 38) garante:

Há consenso entre educadores de que a melhor forma de resolver o problema da violência é transformar a escola em espaço de todos - alunos, pais, moradores, funcionários e professores. “ O aluno gosta da escola, mas não da sala de aula. Quando a escola é inclusiva e se abre para o aluno e para a comunidade, a tendência é a diminuição da violência.

O Presidente do Circulo de Pais e Mestres, do Rio Grande do Sul, manifestou-se, diante da violência e da necessidade de participação da sociedade (CORREIO DO POVO, 4.11.00, p. 7): *“A violência está se multiplicando de tal forma que se não dermos um basta não saberemos como será a virada do milênio”.*

E aponta que, atualmente, existem diversas campanhas isoladas, tentando reverter esse quadro.

“Mas é preciso uma forte ação conjunta e permanente para resolver a questão” (CORREIO DO POVO, 4.11.00, p. 7).

Quando reproduz a realidade, vivida na escola Beta, com relação ao envolvimento comunitário, CASTRO (1998, p. 19-20) relata que a Diretora atual da escola explica, com bastante clareza, os problemas que enfrenta para conseguir o envolvimento e a parceria da comunidade para a tarefa educativa:

... faz parte da escola ser um centro de cultura e educação: é o espaço que eles têm. Então, os alunos passam com os professores, realmente, a gente conseguiu uma boa caminhada, mas com os pais já é um pouco mais difícil. Agora mesmo, passamos por uma situação horrível. Os pais são muito complicados, eles acham que a escola é uma perda de tempo, que o filho tem que trabalhar mesmo, que eles representam a mão-de-obra. Alguns pais, a minoria, é que têm alguma coisa pela escola, que quer fazer alguma coisa de útil.

Na pesquisa, realizada na escola Alfa, CASTRO mostra que havia um relacionamento complexo entre a escola e a comunidade desde a época em que ela estava sendo construída. A ocupação da área em que já funcionava um centro comunitário prejudicou esta relação. Muitos problemas ocorreram e há uma briga entre a escola e a comunidade.

5.5.5 Valorização do professor

Diante do quadro observado até aqui, cabe perguntar: como a violência praticada na escola afeta a vida do professor. Sabemos que, de muitas maneiras, até pela sua desvalorização. Neste item, vamos conhecer o que falaram na pesquisa os interlocutores. Valorizar o professor é uma atividade que não aparece, com regularidade, nas respostas dos diretores.

5.5 FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA	Diretores	Professores	Alunos	Sec/Del.	total
5.5.5 Valorização do Professor	2	4	0	0/1	7

Na **E4 (estadual)**, o Diretor comentou que: *“Os professores não estão preparados para o enfrentamento de questões como a violência e ficam impotentes. Entretanto, como Diretor, a gente faz o que pode”*.

O Diretor da **E3 (estadual)** afirmou: *“A gente sempre está conversando e eu acho que o diálogo com os alunos é a saída. Ninguém melhor do que o Professor, na sala de aula, para conscientizar o aluno. O papel do Professor é mais importante do que o do Diretor, nesta conversação. Ele está na sala todo o dia. É isto que eu te falo, a questão do próprio exemplo”*.

Entendemos imprescindível a auto-avaliação dos professores em relação ao tópico. Como é a conduta de cada um no cotidiano da escola, em relação à violência.

As afirmações mostram a amplitude da questão e a realidade confirmada, tanto na escola particular, como na escola pública.

Confidenciou o professor da **E1 (municipal)**:

Eu saí tão apavorada, um dia, da escola, que eu fiquei pensando o que estava faltando em mim como professora. Em mim, que sou educadora, orientadora. Então, achei que tinha que rezar com as crianças, na sala de aula, porque isto é uma coisa que estava perdida. Isto se perdeu dentro da escola. Comecei a escrever e desde o ano passado leio uma mensagem. Os alunos abrem aquele “comece o dia feliz”, lêem a mensagem, a gente discute uns minutinhos sobre o tema e iniciamos a aula. Aí eu resolvi acrescentar a oração, antes da mensagem e funcionou. O que funcionou? Funcionou a minha inter-relação com eles, ali, no meu período, a coisa começou a funcionar.”

Trabalhar com aluno que tem problema é complicado. É preciso perceber isto. Aí construímos nossa própria valorização. Foi o que o professor da **E2 (municipal)** afirmou:

A gente procura sempre assuntos paralelos, aqueles temas que estão ligados ao aproveitamento do aluno. Não adianta a gente trabalhar o aluno com problema. Temos que resolver o problema e depois

trabalhar o conteúdo. A gente procura passar aquilo que a gente capta dos alunos. A gente mora perto da comunidade, a gente convive com eles, anda na rua, vê o problema e tem colegas que moram um pouco distantes do bairro e não conhecem a realidade do aluno. A medida em que nos descobrimos, podemos ver o problema e repassamos otimismo para o outro, procuramos auxiliar os colegas no sentido afetivo, para que eles tenham o domínio afetivo e cognitivo normal.

Um dos entrevistados disse que os professores, em geral, se acham impotentes para mudar as situações existentes na **E5 (particular)**.

É impossível a valorização. Muitas coisas nos são cobradas. Falta democracia. Isto nos deixa muito chateados, porque nós temos que ser exemplo para o nosso aluno, no sentido da democracia e da participação. Mas a gente não consegue a abertura necessária. Então a manifestação da violência é boicotar. Eu não participo. Já que eu não posso mudar, eu não participo e se eu não posso mudar eu não vou à reunião. Fica uma mesmice, embora haja um grupo significativo que lute por mudanças.

O professor da **E4 (estadual)** disse que é importante a valorização do professor e está convencido de que: “A gente tem responsabilidade no que a gente ensina, porque o professor não só informa como, também, forma. E, nas nossas mãos, está centrada a responsabilidade de aprimorar a personalidade brasileira e se nós não pensarmos, assim, e se os nossos dirigentes não investirem na educação, um povo sem educação não é nada”.

A maioria dos interlocutores entendeu que é imprescindível a valorização do professor. Uns se queixaram da falta de democracia. Outros que é preciso ter um domínio afetivo e cognitivo.

A valorização do professor não apareceu nas respostas dadas pelos alunos.

Para a Delegada de Educação, a valorização do professor é importante para chegar à escola que todos desejam :

Nós sabemos a escola que queremos. Nosso empenho tem sido, de fato, na administração popular, trabalhar a história que as escolas já trazem e a partir dela rever as questões que ainda não são como a gente gostaria que fossem. Porque nós sabemos, a escola que nós queremos. Nós todos trabalhadores em educação sabemos.

Nossa pesquisa, nesse item, Formas de Proteção contra a Violência, destacou pontos coincidentes:

- **Envolvimento comunitário:** 15 interlocutores falaram sobre ele. É o item, em toda a pesquisa, com maior número de respostas, entre 17 entrevistados.
- **Segurança interna (muros, grades, seguranças):** obteve 11 respostas, do total de entrevistados.
- **Valorização do aluno/pessoa:** Dos 17 ouvidos, 10 falaram sobre ele.
- **Valorização do professor:** obteve 7 respostas.
- **Segurança externa (Brigada Militar):** 5, entre 17 entrevistados, falaram sobre o que representa a segurança externa na escola.

É interessante observarmos as respostas nas categorias: os Diretores, em três perguntas deste bloco, foram unânimes em suas respostas. Afirmaram que a violência pode ser diminuída mediante a utilização dos mecanismos propostos.

Entre os professores, obtivemos resultados significativos nas mesmas perguntas: 4 professores disseram que o envolvimento comunitário e a valorização do Professor são decisivos para o combate à violência.

Quatro alunos concentraram suas respostas no tópico envolvimento comunitário, como forma de diminuir a violência na escola.

Os coordenadores da política educacional em Uruguaiiana, em nível de Município e Estado, ou seja, a Secretária e a Delegada de Educação afirmaram

que é indispensável a valorização do aluno e o envolvimento comunitário, para diminuir a violência na escola.

Essas respostas obtidas, na pesquisa que realizamos em Uruguaiana, convergem para o pensamento de educadores, também, preocupados com as formas de diminuição da violência.

SPÓSITO (1999, p. 13) diz: *“Abrir as portas para a participação da comunidade dá certo, diminui a violência, mas não é fácil. Não basta liberar a quadra nos finais de semana. Aí está acontecendo a abertura física do prédio, não a abertura da instituição”* .

FUKUI (1999, p. 72) destaca:

Desde 1982 a questão da segurança vem sendo considerada como um dos mais sérios problemas para as escolas públicas estaduais. Para resolvê-lo, passaram a ser adotadas, progressivamente, medidas como a elaboração de programas e a criação de comissões de estudo. Muros altos, grades nas janelas e portas, separando as áreas de trabalho dos espaços de lazer parecem ter sido as providências mais freqüentes...

E enfatiza ainda (1999, p. 79): *“Há possibilidade de mobilização e recuperação dos profissionais de ensino. mas resta saber qual é realmente a porcentagem, no corpo docente, do que chamamos ‘maioria silenciosa’, que não só permanece indiferente, como até mesmo solapa as medidas de mobilização e mudança nas ações pedagógicas”*.

Notícias internacionais mostram que o problema da violência na escola é universal:

- **França aumenta Vigilância nas escolas.** (Folha de São Paulo, 28.1.00, p. 4).

O Sindicato dos Especialistas em Educação, de São Paulo, manifestou preocupação diante da violência no âmbito escolar. O presidente da entidade quer uma mobilização da sociedade.

“Se não arregaçarmos as mangas, agora, e tomarmos medidas rápidas, a situação ficará incontrolável” (BIANCA, Folha de São Paulo, 2000, p. 1).

Num programa de Televisão (POPOVIC, out. /1999) sobre violência na escola, uma mãe comentou o fato de seu filho não querer mais ir à escola, e a situação de impotência que ela enfrentava: *“Às vezes, meu filho está com preguiça de ir à Escola e a gente o obriga, até ele ir, sem jamais imaginar que dentro da sala de aula vá acontecer isto. Tenho um filho de 11 anos que, se dependesse dele, não voltaria mais para a escola. Ele está traumatizado e nós com uma sensação de impotência”*.

Concluimos que, dentre as ações concretas aplicadas para diminuição da violência na escola, a que obteve maior êxito, até o momento em que realizamos a pesquisa, foi o envolvimento comunitário.

6 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Esta pesquisa analisou os dados que foram colhidos, durante entrevistas em cinco escolas, e com a Secretária e Delegada de Educação, em Uruguaiana/RS.

Buscamos investigar a realidade da violência, praticada nesta cidade, mediante a percepção dos respondentes.

O tema foi estruturado nos seguintes tópicos:

- **Violência contra o patrimônio:** roubo por agentes internos - roubo por agentes externos - atos de vandalismo por agentes internos e atos de vandalismo por agentes externos.
- **Agressões interpessoais:** agressões entre alunos - agressões a professores - brigas entre grupos internos e externos.
- **Drogas/Armas:** uso de drogas na escola - comercialização de droga na escola - vinculação aluno/tráfico externo - porte de armas no interior da escola - problemas com gangues.
- **Causas concorrentes para a violência:** desestruturação familiar (violência familiar) - situação socioeconômica (exclusão social) localização da escola.

- **Formas de Proteção contra a violência:** segurança interna (muros, grades, seguranças) - segurança externa (Brigada Militar) - valorização do aluno/pessoa - envolvimento comunitário - valorização do professor.

Esses temas contextualizam a prática da violência na escola e mostram a fragilidade da instituição escolar para o enfrentamento das questões que se repetem no cotidiano da escola.

Nos depoimentos, observamos que não é possível separar a violência física da violência simbólica, que é praticada pelo professor contra o aluno e que se manifesta de várias maneiras.

Quando o professor manda o aluno calar a boca, pede para não falar, é uma forma “simbólica de violência.”

A chamada violência invisível foi muito mais freqüente na escola particular. Ela se estampa, por exemplo, na não aceitação, pelos alunos, das “diretrizes” ditadas pela família que dirige a escola.

Outra questão presente na pesquisa foram os atos de vandalismo praticados por agentes internos.

Algumas escolas mostraram que conseguem envolver o agressor nas tarefas de recuperação do patrimônio que ele danificou.

Essa violência, na maioria das vezes, vem de casa e se manifesta no aluno pela liberdade que ele encontra na escola.

Na violência contra o patrimônio, os atos de vandalismo por agentes internos é uma realidade para a maioria dos entrevistados. Onze dos dezessete respondentes disseram que este é um fato muito presente na escola. Os atos de

vandalismo, por agentes externos, foram citados por cinco respostas. Roubo por agentes internos e externos apareceu em duas respostas, uma, para o primeiro e, outra, para o segundo questionamento.

Constatamos que as agressões interpessoais indicam uma predisposição de professores e alunos. A pesquisa mostra que tanto os meninos quanto as meninas são muito agressivos. Assim, as relações dentro da escola tornam-se tensas e todos sentem isto.

Observamos que as agressões entre alunos e professores e as brigas entre grupos internos e externos estão presentes nas escolas pesquisadas. Como característica, neste item, constatamos a violência mais ligada às agressões verbais.

A maior frequência de respostas refere-se às agressões entre alunos: dez dos dezessete interlocutores. As agressões a professores é destacada por sete. As brigas entre grupos internos e externos foram admitidas por cinco entrevistados.

A utilização das drogas é outro problema para a escola e se apresenta como decorrência da questão social. A pesquisa mostrou que alguns educadores não estão preparados para enfrentá-lo e não têm conhecimento de como a droga age no indivíduo, causando dificuldades no desenvolvimento das atividades pedagógicas.

O uso de Droga/Arma na escola foi observado desta forma: dos dezessete entrevistados, doze afirmaram que ocorre uso de droga. Os problemas com gangues estiveram presentes em sete respostas. Na pergunta porte de arma no interior da escola, quatro entrevistados disseram que isto ocorria.

A comercialização de droga na escola teve três respostas. Mesmo

número para a vinculação aluno/tráfico externo.

O trabalho verificou, também, que um dos fatores que mais concorre para a violência é a desestruturação familiar.

“Falta amor e afeto no ser humano, em geral.” Isto decorre da própria dinâmica da sociedade que construímos e acaba atingindo a escola porque o aluno vem de lares com problemas.

A exclusão social é outra forma de violência na vida da escola e como tratá-la é um desafio.

Pais desempregados e professores mal remunerados criam para o aluno um ambiente difícil. Violência em casa ... violência na escola ... violência na sociedade..

A localização da escola, igualmente, concorre para a violência. Observamos o seguinte:

- localização da escola: dez respostas;
- desestruturação familiar (violência familiar): oito responderam, afirmativamente;
- situação socioeconômica/exclusão social: sete respostas.

Outra situação que aparece na pesquisa é o esforço da escola para alcançar a participação e o envolvimento da comunidade. Diretores e professores testemunharam que estão empenhados nisso. Todos entendem que uma das formas que a escola tem para superar a violência é a do envolvimento comunitário.

Verificamos que isso acontece, na prática, com a realização de mutirões,

envolvendo pais, alunos e pessoas da comunidade, tornando a escola aberta, de fato, para todos.

A pesquisa mostrou, também, que é necessário um esforço da escola, direção e professores, no sentido de marcar suas presenças nos momentos importantes na comunidade em que

está a escola.

Nas formas de proteção da escola, há sinais de que, embora seja importante a construção de muros, a colocação de grades e a contratação de guardas, a participação da comunidade é decisiva para a diminuição dos índices de violência.

“Grade não é para resolver o problema da violência. Deve servir para delimitar o espaço da escola.”

Como todo o processo, esse envolvimento da comunidade se produz de forma lenta, às vezes, sem o retorno desejado. Há pais que não querem nada. A escola precisa recorrer aos “bilhetinhos.” Há resistência. Todavia, naquela escola aonde a conscientização começa a aparecer, os resultados são positivos.

Cuida-se do prédio, dos móveis e as atitudes mudam para melhor.

“... trabalha-se a cabeça do aluno, dos pais, de todos.”

O apoio da comunidade é fundamental para diminuir a violência na escola.

A pesquisa, com relação às Formas de Proteção contra a Violência, tem pontos coincidentes:

- **Envolvimento comunitário: quinze, entre dezessete interlocutores falaram sobre sua importância. É a questão, em toda a pesquisa, com maior número de respondentes.** A segurança interna (muros, grades, guardas) teve onze respostas. Valorização do aluno/pessoa, foram dez respostas Valorização do professor aparecem sete entrevistados. Segurança externa (Brigada Militar), cinco respondentes.

As respostas obtidas, neste trabalho, realizado em Uruguaiana, convergem para o pensamento de educadores e pesquisadores preocupados com a violência na escola e com as formas de diminuí-la.

Nesta pesquisa, a questão da violência na escola apresentou foco diverso entre a escola pública e a particular. Enquanto na escola pública é admitida a existência de droga, depredações e agressões, na particular, admiti-se que há uma violência invisível.

Assim, a escola está diante do desafio de (re)pensar o fenômeno da violência, hoje, em limites além dos toleráveis, identificando instrumentos capazes de diminuí-la.

Este estudo contribuiu para dimensionar e repensar a questão da violência na escola, em Uruguaiana. Ele poderia ser complementado com estudos ou levantamentos, envolvendo toda a comunidade escolar, aprofundando alguns dos temas identificados como a questão das drogas ou da disciplina.

O ponto positivo foi a identificação de formas construtivas de lidar com a violência, no contexto de Uruguaiana. **O envolvimento da comunidade na escola** parece ser o elemento chave e fortalece nossa esperança na construção de um mundo melhor.

ANEXOS

ROTEIRO DE PERGUNTAS

VIOLÊNCIA AO PATRIMÔNIO

- Aqui na escola ocorrem roubos praticados por integrantes da própria escola?
- E por pessoas da comunidade?
- O pessoal aqui costuma praticar muitos anos de vandalismo contra a escola?
- E os que não freqüentam a escola como se comportam?

AGRESSÕES INTERPESSOAIS

- Você observa brigas entre seus colegas aqui na escola?
- Você tem conhecimento ou registro de brigas ou agressões a professores?
- E a relação entre grupos internos e externos é boa, ocorrem brigas?

DROGAS E ARMAS

- Há muitas notícia sobre o uso de droga na sua escola?
- Você sabe de comercialização de drogas aqui?
- Você tem conhecimento de alguma vinculação de alunos com o tráfico externo?
- O pessoal, aqui, dentro, anda armado ou não?
- Parece que as escolas andam armado ou não?
- Parece que as escolas andam enfrentando problemas com as gangues. Você observa isto aqui?

CAUSAS CONCORRENTES PARA A VIOLÊNCIA

- Que opinião você tem sobre a violência na família? Você acha que isto acaba trazendo violência aqui para a escola?
- E a situação socioeconômica, que estão chamando de exclusão social, influencia na violência que se pode observar na escola?
- Que opinião você tem sobre a localização da escola em relação à violência?

FORMAS DE PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA

- A construção de muros, colocação de telas ou a presença de guardas, resolvem o problema da violência?
- Tem gente que pede a presença da Brigada Militar para a segurança externa das escolas. Qual a sua opinião sobre isto?
- A valorização do aluno, como pessoa, ajuda a diminuir a violência na escola?
- A presença da comunidade na escola, o envolvimento que decorre disto com todos, sendo responsáveis, diminui a violência?
- Você acredita que haja valorização dos professores aqui na escola? Isto auxilia o combate às várias formas de violência na escola?

ANEXO 2

COMUNIDADE, TRABALHANDO NA ESCOLA (E1)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Sérgio. A socialização incompleta: os jovens delinquentes expulsos da escola. *Caderno de Pesquisa*. São Paulo, n. 79, p. 76-80.1991

BALDINO, Roberto Ribeiro; SOUZA, Antônio Carlos Carrera de. Manifesto sobre o cotidiano da escolaridade brasileira. In: *Formação do Educador e Avaliação educacional*. v. 4. São Paulo: Editora UNESP, p. 191-203. 1999

BARROS; Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. v.5, n.52, p.123-152. Fev. 2000.

BATISTA, Analía Soria; EL-MOOR, Patrícia Dario. **In:** CODO, Wanderley (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho. Petrópolis: Vozes, p. 139-161. 1999

CASTRO, Marta Luz Sisson de. Violência no cotidiano da escola básica: um desafio social e educacional. *Educação*, Porto Alegre, Ano XXI, n. 34, p. 7-22. 1998

CHAUÍ, Marilena. Ética e violência. *Revista Teoria e Debate*, São Paulo, n. 39, p.38. 1998

CODO, Wanderley. *Educação: carinho e trabalho*. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilberto; PERDRIault, Marguerite. *A violência na escola*. São Paulo: Summus, p. 68-101.1989

CORREIO DO POVO. *Atuação dos CPMs e violência em foco*. Porto Alegre, p. 7. 4.11.00

_____, Gangue aterroriza alunos em Bagé. Porto Alegre, p.14. 4.11.00

DEFRANCE, Bernard. *La violence a l'école*. Paris: Syrus, 1992

DIAS, Carlos. Acontece nas melhores famílias. *Revista Educação*. São Paulo, p.30-38. Jun.1998

FOLHA DE SÃO PAULO. França aumenta vigilância nas escolas. São Paulo. p.14. 28.1.00

_____, Surto de violência atinge escolas. São Paulo, 3 Cad. P.1. 25.03.00

_____, Aluna é pega com arma em BH. São Paulo, p. 3. 14.05.99

FRANCO, Luiz Antonio Carvalho. A disciplina na escola. *Revista da Associação Nacional de Educação*. São Paulo, v. 6, n.11, 1986, p. 62-67.

FUKUI, Lia. A segurança nas escolas. **In:** ZALUAR, Alba (Org.). *Violência e Educação*. São Paulo: Cortez, 1992. p. 103-124.

_____. *Estudo de caso de segurança nas escolas públicas estaduais de São Paulo*. Cad. de Pesquisa. São Paulo: Cortez, n. 79, 1991. p. 68-75.

GRACIANI, Maria Stella Santos. *Gangues: um desafio político pedagógico a ser superado*. Petrópolis. Vozes, 1994.

GUIMARÃES, Eloísa. Crônica do cotidiano escolar: violência e escola, *educação e sociedade*. São Paulo, n. 38, v. 12, p. 81-156,1991.

HERBERT, Jacques. *La violence a l'école*. Montreal: Logiques, p. 27-28. 1991.

JORNAL CIDADE, Aluno agredido por colegas no interior de escola pública. Uruguaiana. p.16 . 15.12.00

_____, Violência juvenil em escolas públicas. Uruguaiana, p. 16. 1.12.00

_____, Medo na porta da escola. Uruguaiana, p. 16, 24.11.00.

KHEL, Maria Rita. Nem Freud explica. (Entrevista). *Revista Educação*. São Paulo, mar. 2000, p.3-41.

LEMOS, Miriam Pereira. Os excluídos na escola. *Revista Escola Cidadã, aprendizagem para todos*. A paixão de aprender. Porto Alegre: Secretaria Municipal, n. 10, p. 30-43, mar. 1997.

LOPEZ, Immaculada. Bateu Levou. *Revista Educação*. São Paulo, p. 16-21, fev. 1999.

LUNA, Sérgio; DAVIS, Cláudia. A questão da autoridade na educação. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 76, 1991, p. 65-70.

MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da Violência*. São Paulo: Vértice, 1987

MORAIS, Régis de. *Violência e educação*. São Paulo: Papyrus, 1995

O’JORNAL DE URUGUAIANA. Escolas continuam ainda alvo das gangues-juvenis. *Uruguaiana*, p. 22, dez. 2000.

_____, Estudante esfaqueado frente a escola Romaguera Corrêa. *Uruguaiana*, p. 22, nov. 2000.

PIVA, Marco; SAYAD, Alexandre. Alta tensão. *Revista Educação*. São Paulo, p. 34-45. mar. 2000.

PORTO, Maria Stela Grossi. Elementos para uma reflexão sobre violência no Brasil dos anos 90. *Educação e Sociedade*. São Paulo, v.15, n. 48, p. 326-337. 1994

POWNEY, Janet. Scottish Council for Research in Education. Scotland. Trabalho apresentado no “20th International Seminar for teacher Education. Anapolis, Maryland, USA. April 17-23. 2000

PRADO, Ricardo. O desarme da violência. *Revista Nova Escola*. São Paulo: Abril, p.10-19, set. 1999.

RÁDIO GAÚCHA. Gaúcha Sat. A violência na escola. *Programetes 5 a 7*, jun. 2000.

REVISTA DA OAB/RS. Porto Alegre, Ano 2, n. 8, p. 44, 1999

SILVA, Aida Maria Monteiro. A violência na escola: Percepção dos alunos e professores **In:** Internet; Silveira @ uol.com.br, p.1-11, 2000

SPÓSITO, Marília. A instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa*. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Cortez, n.104, p. 58-75, jul. 1998.

TAVARES, José Vicente dos Santos; NERY, Beatriz Didonet; SIMON, Cátia Castilho. *A escola cidadã e o enigma da violência*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1999.

TELEVISÃO BANDEIRANTES. *Programa Silvia Popovic*. São Paulo: out. 1999.

VALENÇA, Vera Lúcia Chacon. A violência na escola: da palmatória a violência suave. *Perspectiva*. UFSC. Florianópolis, n. 10, v. 5, p. 42-48, 1988.

VASCONCELLOS, Celso dos S. A questão da disciplina: dialética da interação professor-aluno. *Revista da Educação*. Brasília, AEC, n. 87, v. 22, p. 82-87, 1993

ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

ZERO HORA. A evolução da violência. Porto Alegre, p. 14, 9 fev. 2000.

_____. O medo transforma as salas de aula. Porto Alegre, p. 44, 16 maio 1999.

_____. Escola fechada pela violência. Porto Alegre, p. 50, 9 maio 1999.

	Diretores	Professores	Alunos	Sec.	Del.	Total	% -17
5.3 DROGAS/ARMAS							
5.3.1 Uso de droga na escola	4	3	3	1	1	12	69
5.3.2 Comercialização de droga na escola	1	2	0	0	0	3	17,4
5.3.3 Vinculação aluno/tráfico externo	1	2	0	0	0	3	17,4
5.3.4 Porte de armas no interior da escola	3	1	0	0	0	4	23,2
5.3.5 Problemas com gangues	3	2	1	1	0	7	41,17











